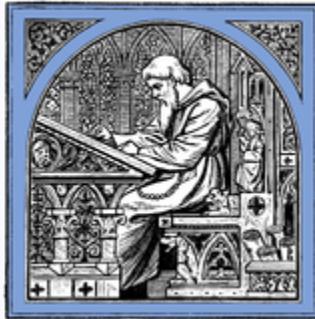


As aventuras d’Alice no País das Maravilhas — CONTEÚDOS

Lewis Carroll



Conteúdo exportado da Wikisource em 6 de julho de 2021

CONTEÚDOS

Capítulo

- I. Na toca do coelho
- II. A poça de lágrimas
- III. Uma corrida do círculo e um conto longo
- IV. O coelho manda um pequeno gui entrar
- V. Aviso duma lagarta
- VI. Porco e pimenta
- VII. Uma gesta do chá louca
- VIII. O campo de croqué da rainha
- IX. A história da tartaruga falsa
- X. A quadrilha de lagostas
- XI. Quem furtou as tortas?
- XII. O testemunho d’Alice



CAPÍTULO I

NA TOCA DE COELHO

ALICE estava começando a ficar cansadíssima de s'assentar junto a sua irmã no banco e de ter nada para fazer: uma ou duas vezes havia espreitado o livro ca irmã lia, mas não tinha ilustrações ou conversações nele, “E para que serve um livro”, pensou Alice, “sem ilustrações ou conversações?”.

Assim, estava considerando em sua própria mente (o melhor que podia, pois o dia quente a fazia se sentir

ensonadíssima e estúpida) s’o prazer de fazer uma cadeia de margarida valeria o trabalho de se levantar e pegar as margaridas, quando subitamente um coelho branco d’olhos cor-de-rosa correu por perto dela.

Havia nada de *tão* muito remarcável naquilo; nem Alice achou *muitíssimo* fora do comum ouvir o Coelho dizer consigo, “Ó deus! Ó deus! Estarei demasiado atrasado!” (quando pensou a respeito depois, ocorreu-lhe que deveria ter-s’admirado com isto, mas à hora tudo pareceu absolutamente natural); mas quando o Coelho efetivamente *tirou um relógio do bolso de colete* e o olhou, e então s’apressou, Alice sobressaltou para de pé, porquanto lhe lampejou através da mente quela jamais vira antes um coelho com ou um bolso de colete, ou um relógio para tirar dele, e, ardendo de curiosidade, correu pelo campo afora após ele, e foi justo a tempo d’o ver irromper numa toca de coelho larga sob a sebe.

Num outro momento desceu Alice atrás dele, nem uma vez considerando como é qu’ia sair novamente.

A toca de coelho continuou reta como um túnel, dalguma forma, e então se declivou imprevistamente, tão imprevistamente c’Alice nem teve um momento para pensar em se parar antes de s’achar caindo no que pareceu um poço muito fundo.

Ou o poço era fundíssimo, ou ela caiu muito lentamente, porque teve tempo de sobra, como desceu, para olhar a seu redor e para se perguntar o qu'ia acontecer a seguir. Primeiro, tentou olhar abaixo e divisar ao que ela chegava, mas estava escuro demais par'enxergar qualquer coisa: então olhou os lados do poço e notou qu'estavam enchidos com armários e estantes; aqui e ali viu mapas e retratos pendurados sobre cavilhas. Tirou um pote duma das prateleiras enquanto passava: estava rotulado "LARANJADA", mas para seu grande desapontamento estava vazio: não quis largar o pote por medo de matar alguém debaixo, conseguiu, pois, pô-lo num dos armários enquanto caía para além dele.

"Bem," pensou Alice consigo, "depois duma caída tal qual esta, nada pensarei de tombar d'escadas! Como todos m'achariam brava em casa! Ora, eu não diria qualquer coisa sobre isto, ainda se caísse do tope da casa!" (o qu'era muito provavelmente verdade).

Para baixo, para baixo, para baixo. A queda *nunca* chegaria a um fim? "Será quantas milhas hei caído por esta altura?", disse em voz alta. "Devo estar chegando àlgu lugar próximo ao centro da terra. Deixe-me ver: isso seria quatro mil milhas abaixo, acho —" (que, vês, Alice tinha aprendido diversas coisas desta sorte em suas lições na sala d'aula, e conquanto esta não era uma *ótima* oportunidade para mostrar seu conhecimento, como havia ninguém para a escutar, ainda era bom repeti-lo) "— sim, essa é

aproximadamente a distância certa — mas então, será a que latitude ou longitude hei chegado?” (Alice não fazia a menor ideia do que latitude era, ou longitude tampouco, mas pensou qu’eram palavras assaz grandes para dizer).

Presentemente ela iniciou outra vez. “Será que cairei bem *pela* terra? Quanto esquisito irá parecer sair entre as pessoas c’andam com a cabeça baixa! As antipatias, acho —” (estava contentíssima com c’avia ninguém escutando desta vez, já que não sou de maneira alguma a palavra certa) “— mas lhes irei ter de perguntar qual é o nome do país, sabes. Por favor, Senhora, esta é Nova Zelândia ou Austrália?” (e tentou cortejar enquanto falava — *cortesia* fantástica enquanto se cai através do ar! Achas c’o poderias conseguir?) “E que garotinha ignorante ela m’irá achar por perguntar! Não, nunca daria para perguntar: acaso eu o veja escrito algures.”

Para baixo, para baixo, para baixo. Havia nada mais para fazer, assim, Alice logo principiou a falar novamente. “Diná m’irá sentir muito a falta esta noite, acho!” (Diná era a gata) “Espero que se lembrem do seu pires de leite na hora do chá. Diná, minha cara! Desejo qu’estivesses aqui embaixo comigo! Não há ratos no ar, receio, mas poderias capturar um morcego, e esse é parecidíssimo com um rato, sabes, minha diletta. Mas gatos comem morcegos, será?”. E aqui Alice começou a ficar bastante sonolenta, e prosseguiu dizendo consigo, dum jeito meio sonhador, “Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?”, e algumas vezes,

“Morcegos comem gatos?”, pois, vês, como não pôde responder pergunta alguma, não importou muito de que modo as colocou. Sentiu que cochilava e havia acabado de começar a sonhar que caminhava de mãos dadas com Diná, e lh’estava dizendo serissimamente, “Agora, Diná, conta-m’a verdade: já comeste um morcego?”, quando inopinadamente, puf, puf! Abaixo ela se deparou com um amontoado de gravetos e folhas secas e a caída acabou.

Alice estava nem um pouco ferida, e pulou para de pé num momento: procurou, mas estava tudo escuro acima; ante ela estava uma outra grande passagem, e o Coelho Branco ainda estava a vista, descendo-a depressa. Havia nem um momento a perder: partiu Alice qual o vento, e foi bem a tempo d’o ouvir dizer, como ele virava uma esquina, “Ó minhas orelhas e vibrissas, quão tarde está ficando!”. Ela estava logo atrás dele quando ela virou a esquina, mas o Coelho não mais estava a ser visto: ela s’encontrou numa sala baixa, comprida, qu’era iluminada por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto.

Havia portas por toda a sala, mas estavam todas trancadas, e quando Alice estivera abaixada dum lado e levantada do outro, até o final, tentando cada porta, caminhou tristemente para o meio, perguntando-se como qu’iria sair outra vez.



Repentinamente ela se topou com uma mesinha de três pernas toda feita de vidro maciço; havia nada sobre ela afora uma pequena chave dourada, e a primeira ideia d'Alice foi de que poderia pertencer a uma das portas da sala; mas ai! Ou as fechaduras eram largas demais, ou a chave era pequena demais, mas, de qualquer forma, não abriria quaisquer delas. Contudo, na segunda vez, ela se deparou com uma cortininha que não notara antes, e detrás dela havia uma pequena porta dumas quinze polegadas de altura: testou a chavinha dourada na fechadura, e, para seu grande deleite, serviu!

Alice abriu a porta e descobriu que dava para uma passagenzinha, não muito maior que uma toca de rato: ajoelhou-se e olhou, pela passagem, para o mais amável jardim que já se viu. Como ansiou por sair daquela sala escura e perambular por entre aqueles canteiros de flores brilhantes e aquelas fontes frescas, mas nem mesmo

conseguia passar sua cabeça pela porta, “E mesmo se a minha cabeça passasse,”, pensou pobre Alice, “seria de pouquíssimo uso sem meus ombros. Ó, como quero qu’eu me conseguisse encolher como um telescópio! Acho que conseguiria, s’ao menos soubesse como iniciar.”. Pois, vê, tantas coisas fora do normal aconteceram recentemente c’Alice principiara a pensar que pouquíssimas coisas deveras eram realmente impossíveis.



Pareceu ser inútil esperar na pequena porta, então ela voltou à mesa, meio esperançosa de que poderia encontrar outra chave nela, ou pelo menos um livro de regras para encolher pessoas como telescópios: desta vez encontrou uma garrafinha sobre ela (“que certamente não estava aqui antes”, disse Alice), e amarrada pelo gargalo da garrafa

estava uma etiqueta de papel com as palavras “BEBE-ME” belamente impressas nela em letras grandes.

Estava tudo muito bem em dizer “Bebe-me,” mas a sábia Alicinha não faria *aquilo* com pressa: “não, olharei primeiro,” disse, “e verei s’está marcado ‘veneno’ ou não”: porquanto lera diversas boas historinhas de crianças que foram queimadas, e devoradas por feras selvagens, e outras coisas desagradáveis, tudo porque não se *lembravam* das regras simples que seus amigos lhes ensinaram, tais quais, cum atizador incandescente te queimará s’o segurares por muito tempo; e que se cortares o dedo profundissimamente com uma faca, geralmente sangra; e nunca s’esquecera de que, se beberes muito duma garrafa marcada a “veneno”, é quase certo te fazer mal, mais cedo ou mais tarde.

Entretanto, esta garrafa *não* estava marcada com “veneno”, então Alice s’aventurou a saboreá-la, e a achando agradabilíssima (tinha, de fato, uma sorte de gosto misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada quente com manteiga), muito breve a arrematou.

* * * *
* * * *
* * * *

“Que sensação curiosa!”, disse Alice, “Devo estar-m’encolhendo como um telescópio.”.

E assim foi deveras: ela tinha agora somente dez polegadas d'altura, e sua face iluminou com o pensamento de que tinha ora o tamanho certo para passar, pela pequena porta, para aquele amável jardim. Primeiro, porém, esperou peluns minutos para ver se s'encolheria ainda mais: sentiu-s'um pouco nervosa quanto a isto, “Pois poderia terminar, sabes,” disse Alice consigo, “em minha extinção por completo, como uma vela. Será com o qu'eu seria parecida então?”. E tentou imaginar com ca chama duma vela se parece depois da vela estar apagada, pois não conseguia se lembrar de já ter visto uma coisa como aquela.

Após algum tempo, descobrindo que nada mais acontecia, decidiu ir ao jardim imediatamente, mas, ai de pobre Alice! Quando chegou à porta, percebeu qu'esquecera a chavinha dourada, e quando voltou à mesa, atrás dela, descobriu que não conseguia a alcançar: conseguia-a ver clarissimamente pelo vidro, e fez seu melhor para escalar uma das pernas da mesa, mas estava muito escorregadia; e quando se cansara de tentar, a coitadinha se sentou e chorou.

“Vamos, é inútil chorar assim!”, disse Alice a si, rispídicissimamente, “Aconselho-t'a desistir agora mesmo!”. Ela geralmente se dava ótimo conselho (embora muito raramente o seguisse) e às vezes se repreendia tão severamente até trazer lágrimas aos olhos, e numa vez se lembrou de tentar golpear as próprias orelhas por s'aver trapaceado num jogo de croqué que jogava contra si, questa curiosa criança era afeiçoadíssima a fingir ser duas pessoas.

“Mas é inútil agora,” pensou pobre Alice, “fingir ser duas pessoas! Ora, há dificilmente o bastante de mim para fazer *uma* pessoa respeitável!”.

Logo o seu olho caiu sobre uma pequena caixa de vidro que jazia abaixo da mesa: abriu-a e achou nela um bolo muito pequeno, no qual as palavras “COME-ME” estavam lindamente marcadas com groselhas. “Bem, comê-lo-ei,” disse Alice, “e se me fizer crescer, posso alcançar a chave; e se me fizer diminuir, posso-m’arrastar por baixo da porta; então de qualquer jeito entrarei no jardim e não m’importo com o c’aconteça!”.

Comeu um pouquinho e disse ansiosamente consigo, “Qual caminho? Qual caminho?” segurando a mão no topo da cabeça para sentir como crescia, e ficou surpresíssima por perceber que permanecia do mesmo tamanho: para ser claro, isto é o que geralmente acontece quando se come bolo, mas Alice ficara tão acostumada a esperar que nada além de coisas fora do comum acontecessem que pareceu bastante maçante e estúpido ca vida seguisse como de costume.

Então começou a trabalhar e brevíssimo rematou o bolo.

* * * *
 * * *
* * * *

CAPÍTULO II

A POÇA DE LÁGRIMAS

“CADA vez mais curioso!”, gritou Alice (estava tão surpresa, que pelo momento se esqueceu completamente de como falar bem português); “Agora estou me abrindo como o maior telescópio que já estive! Adeus, pés!” (pois quando olhou para seus pés, pareceram estar quase fora de vista, estavam ficando afastadíssimos) “Ó, meus pobres pezinhos, pergunto-me, quem calçará vossos sapatos e meias para vós agora, queridos? Estou certa de que não serei capaz! Estarei muitíssimo distante para me incomodar convosco: deveis vos virar do melhor modo que pudéreis; ...porém devo ser gentil com eles,” pensou Alice, “ou talvez não andarão pelo caminho que eu quiser ir! Deixe-me ver: dar-lhes-ei um novo par de botas a cada Natal.”.

E continuou planejando consigo como lidaria com isto. “Devem ir pelo correio;”, pensou, “e como parecerá engraçado enviar presentes para os próprios pés! E como as direções parecerão estranhas!

*Exmo. Pé Direito d’Alice,
Tapete de lareira,
perto do Guarda-fogo.
(Com amor d’Alice.)*

Ó céus, que disparate estou falando!”.

Justo neste momento sua cabeça bateu contra o teto da sala: de fato tinha agora pouco mais que nove pés d'altura, e duma vez pegou a chavinha dourada e se apressou para a porta do jardim.

Pobre Alice! Era o máximo que podia fazer, deitar-se dum lado, para contemplar o jardim com um olho; mas atravessar era algo mais desesperado que nunca: sentou-se e recomeçou a chorar.

“Deverias te envergonhar de ti,” disse Alice, “uma menina como tu” (podia bem dizer isto) “continuar chorando destarte! Para neste momento, ordeno-te!”. Mas continuou na mesma, derramando galões de lágrimas, até que houve uma poçona a seu redor, cerca de quatro polegadas funda e atingindo metade da sala.

Após algum tempo escutou uma tamboriladinha de pés à distância, e apressadamente secou seus olhos para ver o que estava vindo. Era o Coelho Branco retornando, esplendidamente vestido, com um par de luvas de pelica brancas numa mão e um grande leque na outra: veio pertrotando com muita pressa, murmurando para si enquanto vinha, “Oh! A Duquesa, a Duquesa! Oh! Que ela não fique furiosa se eu a houver feito esperar!”. Alice se sentiu tão desesperada, que estava prestes a pedir ajuda



a qualquer um; então, quando o Coelho chegou perto dela, ela principiou em voz baixa, tímida, “Por favor, Senhor...”. O Coelho partiu violentamente, largou as luvas de pelica e o leque e escapou para a escuridão o máximo que pôde.

Alice pegou o leque e as luvas e, como a sala estava muito quente, manteve-se abanando a todo o tempo em que prosseguiu falando: “Minha nossa! Como tudo está estranho hoje! E ontem coisas seguiram assim como de costume. Pergunto-me, se fui trocada à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei nesta manhã? Quase acho que consigo me lembrar de me sentir um pouco diferente. Porém se não sou a mesma, a próxima pergunta é, quem, no mundo, sou? Ah, *esse* é o grande enigma!”. E começou a pensar em todas as crianças que conhecia, que eram da mesma idade que ela, para ver se poderia haver sido trocada por quaisquer delas.

“Estou certa de que não sou Ada,” disse, “pois seu cabelo forma aqueles cachinhos longos, e o meu não forma cachinhos, de modo nenhum; e estou certa de que não posso ser Mabel, pois sei todas sortes de coisas, e ela, ó, ela sabe tão pouquinho! Ademais, *ela* é ela, e *eu* sou eu, e... Ó céus, como é totalmente enigmático! Testarei se sei todas as coisas que sabia. Deixe-me ver: quatro vezes cinco é doze, e quatro vezes seis é treze, e quatro vezes sete é... Puxa vida, nunca chegarei a vinte, dessarte! Contudo, a tabuada de multiplicação não mostra: tentemos geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... Não, isso está todo errado, tenho certeza! Devo haver sido trocada por Mabel! Tentarei e recitarei ‘*Como o pequeno...*’”, e cruzou suas mãos sobre seu colo, como se estivesse recitando lições, e principiou a repeti-lo, mas sua voz soou rouca e estranha, e as palavras não vieram as mesmas que vinham:

*“Como o pequeno crocodilo
Aprimora sua cauda reluzente,
E derrama as águas do Nilo
Em cada escama dourada!*

*Como parece sorrir alegremente,
Como estica suas garras destramente,
E recebe peixinhos
Com mandíbulas mansamente sorridentes!”^[1]*

“Estou certa de que essas não são as palavras corretas,” falou pobre Alice, e seus olhos se reencheram de lágrimas enquanto seguia, “devo ser Mabel afinal, e terei que ir e viver naquela casinha apertada, e ter quase nenhum brinquedo com que brincar, e, ó, sempre tantas lições para aprender! Não, já me decidi sobre isto: se sou Mabel, ficarei aqui embaixo! Será inútil abaixarem suas cabeças e dizerem, ‘Sobe novamente, querida!’. Apenas olharei para cima e falarei, ‘Quem sou, então? Dizei-me isso primeiro, e então, se eu gostar de ser essa pessoa, subirei: se não, ficarei aqui embaixo até eu ser outro alguém’... Mas, puxa vida!”, gritou Alice com um estouro súbito de lágrimas, “Gostaria mesmo de que abaixassem suas cabeças! Estou muitíssimo cansada de ficar completamente sozinha aqui!”.

Enquanto dizia isto, olhou para suas mãos e ficou surpresa em ver que pusera uma das luvinhas de pelica brancas do Coelho enquanto ela falava. “Como *posso* haver feito aquilo?”, pensou. “Devo estar me reencolhendo.”. Levantou-se e foi à mesa, para se medir por ela, e julgou que, tão perto quanto podia adivinhar, tinha agora uns dois pés d’altura, e continuava se encolhendo rapidamente: logo descobriu que a causa disto era o leque que estava segurando, e o soltou depressa, bem a tempo de se salvar de se encolher por completo.

“Essa *foi* por um triz!”, disse Alice, assustadíssima com a mudança súbita, porém mui feliz por se encontrar ainda n’existência; “E agora para o jardim!”, e correu à toda

velocidade para a portinha: mas ai! A portinha estava fechada novamente, e a chavinha dourada jazia sobre a mesa de vidro como antes, “E coisas estão piores que nunca,” pensou a pobre criança, “pois jamais estive tão pequena assim antes, jamais! E declaro que é péssimo, é isso aí!”.

Assim que falou aquelas palavras seus pés escorregaram, e num outro momento, *splash!* Ela estava até seu queixo n’água salgada. Sua primeira ideia foi de que, dalgum modo, caíra no mar, “E nesse



caso, posso voltar de ferrovia.”, falou para si. (Alice estivera no litoral uma vez em sua vida, e chegara à conclusão geral de que, aonde quer que se vá na costa inglesa, encontra-se muitas cabines de banho no mar, algumas crianças cavando na areia com pás de madeira, então uma fileira de casas de hospedagem, e atrás delas uma estação ferroviária.) Entretanto logo percebeu que estava na poça de lágrimas que chorara quando tinha nove pés d’altura.

“Gostaria de não haver chorado tanto!”, disse Alice enquanto pernadava, tentando achar sua saída. “Serei punida por isso agora, suponho, por me afogar em minhas próprias lágrimas! Essa *será* uma coisa estranha, para ser clara! No entanto, tudo está estranho hoje.”

Só então escutou algo respingar na poça, um pouco longe, e nadou para mais perto para discernir o que era: a princípio pensou que devia ser uma morsa ou hipopótamo, mas então se lembrou de como estava pequena agora, e logo percebeu que era só um rato, que escorregara como ela.

“Seria útil, agora,”, pensou Alice, “conversar este rato? Tudo está tão fora do normal aqui embaixo, que acho que mui provavelmente ele consiga falar: de qualquer modo, não faz mal tentar.”. Então começou: “Ó Rato, conheces a saída desta poça? Estou tão fatigada de nadar por aqui, ó Rato!” (Alice pensou que esta era a maneira correta de se falar com um rato: nunca fizera uma coisa tal antes, porém se lembrou de haver visto na Gramática Latina de seu irmão, “Um rato... Dum rato... Para um rato... Um rato... Ó rato!”). O Rato a olhou inquisitivamente, e lhe pareceu piscar com um de seus olhinhos, mas ele nada disse.

“Talvez não entenda português;”, pensou Alice, “atrevo-me a dizer que é um rato francês, chegou com Guilherme, o Conquistador.”. (Pois, com todo seu conhecimento de história, Alice tinha nenhuma noção muito clara de a quanto tempo qualquer coisa acontecera.) Então ela recomeçou:

“Où est ma chatte?”, que era a primeira sentença em seu livro de lições de francês. O Rato deu um pulo súbito para fora d’água, e pareceu se estremecer todo de medo. “Ó, peço-te perdão!”, gritou Alice depressa, receosa por haver ferido os sentimentos do pobre animal. “Esqueci-me completamente de que não gostas de gatos”.

“Não gostar de gatos!”, gritou o Rato, com uma voz estridente, apaixonada. “*Gostarias* de gatos se fosses eu?”

“Bem, talvez não:”, falou Alice num tom calmante, “não te irrites com isso. E eu ainda gostaria de te poder apresentar nossa gata Diná: acho que te afeiçoarias a gatos se almenos a pudesses ver. Ela é uma coisa quieta queridíssima”, Alice continuou, em parte consigo, enquanto nadava preguiçosamente



pela poça, “e se senta ronronando tão agradavelmente ao fogo, lambendo suas patas e lavando seu rosto... E é uma coisa tão macia de se acariciar... E é excelente para capturar ratos... Ó, perdão!”, gritou Alice novamente, pois desta vez o Rato estava se eriçando todo, e ela se sentiu certa de que ele devia estar realmente ofendido. “Não falaremos mais sobre ela se preferires que não.”

“Nós, deveras!”, gritou o Rato, que estava tremendo até a extremidade de sua cauda. “Como se *eu* falasse sobre um assunto assim! Nossa família sempre *odiou* gatos: coisas desagradáveis, baixas, vulgares! Não me permitas reouvir o nome!”

“Não permitirei mesmo!”, disse Alice, com muita pressa em mudar o assunto da conversa. “És... és afeiçoado... a... a cães?”. O rato não respondeu, então Alice seguiu avidamente: “Há um cãozinho tão amável perto de nossa casa que quero te mostrar! Um pequeno terrier d’olhos brilhantes, sabes, com, ó, aquele pêlo marrom encaracolado longo! E buscará coisas quando as jogares, e se sentará e suplicará por seu jantar, e todas sortes de coisas... Não consigo me lembrar de metade delas... E pertence a um fazendeiro, sabes, e ele diz que é tão útil, que vale umas cem libras! Diz que mata todos os ratos e... Ó céus!”, gritou Alice num tom triste. “Receio havê-lo ofendido novamente!”. Pois o Rato estava nadando para longe dela o máximo que podia e provocando uma grande comoção na poça enquanto ia.

Então chamou suavemente atrás dele: “Rato querido! Volta novamente, sim, e não falaremos de gatos, ou cães tampouco, se não gostas deles!”. Quando o Rato ouviu isto, virou-se e nadou vagorosamente de volta a ela: sua face estava palidíssima (de paixão, Alice pensou), e falou numa voz baixa, trêmula, “Vamos à margem, e então te contarei

minha história, e entenderás por que é que odeio gatos e cães.”.

Já era hora de sair, pois a poça estava ficando bastante lotada com os pássaros e animais que caíram nela: havia um Pato e um Dodô, uma Arara e uma Aguieta e diversas outras criaturas curiosas. Alice conduziu o caminho, e o grupo inteiro nadou para a margem.

Notas

1. [↑](#) *“How doth the little crocodile/Improve his shining tail,/And pour the waters of the Nile/On every golden scale!//How cheerfully he seems to grin,/How neatly spreads his claws,/And welcomes little fishes in/With gently smiling jaws!”*



CAPÍTULO III

UMA CORRIDA DO CÍRCULO E UM CONTO LONGO

ERAM deveras um partido esquisito que se reuniu à margem — os pássaros com penas sujas, os animais com a pelagem grudando neles e todos encharcados, irritados e desconfortáveis.

A primeira pergunta, com certeza, era como se secar novamente: eles tiveram uma discussão sobre isto, e, após alguns minutos, pareceu bastante natural par' Alice se achar conversando familiarmente com eles, como se os tivesse conhecido por toda sua vida. Deveras, ela teve uma discussão longuíssima com a Arara, que, no final, ficou emburrada e só dizia, "Eu sou mais velha que tu e devo saber mais!"; e isto Alice não admitiria sem saber quantos anos ela tinha, e como a Arara positivamente se recusou a falar sua idade, nada mais havia a ser dito.

Finalmente o Rato, que parecia ser uma pessoa dalguma autoridade entre eles, bradou, "Sentai-vos, todos vós, e escutai-me! Eu logo vos deixarei suficientemente secos!". Todos eles se sentaram d'ediato em grande anel, com o Rato no meio. Alice manteve seus olhos ansiosamente fixados nele, pois ela teve certeza de que pegaria um forte resfriado se não se secasse brevíssimo.

"Hum-hum!", falou o Rato com um ar importante, "Vós estais todos prontos? Esta é a coisa mais seca que eu conheço. Silêncio geral, por favor! 'Guilherme, o Conquistador, cuja causa era favorecida pelo papa, logo submeteu os ingleses, que queriam líderes, e estivera recentemente acostumadíssimo a usurpação e conquista. Edwin e Morcar, os condes de Mércia e Nortúmbria...'"

"Ugh!", disse a Arara com um arrepio.

"Perdão?", disse o Rato franzindo suas sobranceiras, mas muito polidamente: "Tu falaste?"

"Eu não!", falou a Arara apressadamente.

"Eu pensei que tu falaste.", disse o Rato. "...Prosseguindo: Edwin e Morcar, os condes de Mércia e Nortúmbria, declararam por ele: e até Stigand, o patriótico arcebispo de Canterbury, achou aconselhável..."

"Achou o quê?", falou o Pato.

"Achou *isto*", o Rato replicou irritadissimamente: "obviamente tu sabes o que 'isto' significa."

"Eu sei muito bem o que 'isto' significa, quando *eu* encontro uma coisa", disse o Pato: "é geralmente um sapo ou um verme. A pergunta é, o que o arcebispo achou?"

O Rato não notou esta pergunta, mas apressadamente prosseguiu, "...Achou aconselhável ir com Edgar Atheling para s'encontrar com Guilherme e lh'oferecer a coroa. A conduta de Guilherme, a princípio, foi moderada. Mas a insolência de seus normandos...'. Como tu te sentes agora, minha querida?", continuou, virando-se para Alice enquanto falava.

"Mais molhada que nunca", disse Alice num tom melancólico: "não parece me secar de modo algum."

"Nesse caso", falou o Dodô solenemente, levantando-se, "eu sugiro que a reunião seja adiada, par'a adoção imediata de soluções mais enérgicas..."

"Fala português!", disse a Aguieta. "Eu não sei o significado de metade desses palavrões, e mais, não acredito que tu saibas tampouco!". E a Aguieta abaixou sua cabeça para esconder um sorriso: algumas das outras aves riram audivelmente.

"O que eu ia dizer", disse o Dodô num tom ofendido, "era que a melhor coisa para nos secar seria uma Corrida-do-

círculo."

"O que é uma Corrida-do-círculo?", falou Alice; não que ela muito quisesse saber, mas o Dodô tinha pausado como se ele pensasse que *alguém* devesse falar, e ninguém mais parecia inclinado a dizer algo.

"Ora,", falou o Dodô, "o melhor modo de explicá-lo é fazê-lo." (E como tu mesmo podes querer testar a coisa nalgum dia invernal, eu te contarei como o Dodô o conseguiu.)

Primeiro ele balizou uma pista de corrida, numa sorte de círculo ("o contorno exato não importa", disse), e então todo o partido foi colocado ao longo da pista, aqui e ali. Não havia "Um, dois, três e já!", mas eles começaram a correr quando quiseram, e pararam quando quiseram, de modo que não foi fácil saber quando a corrida tinh'acabado. Contudo, quando eles correram por meia hora ou mais e ficaram sequíssimos novamente, o Dodô repentinamente gritou, "A corrida acabou!", e todos se agruparam a seu redor, arfando e perguntando, "Mas quem ganhara?".

Esta pergunta o Dodô não poderia responder sem muito pensamento, e ele se sentou por um bom tempo com um dedo pressionado contra sua testa (a posição na qual geralmente se vê Shakespeare nos retratos dele) enquanto o resto esperava em silêncio. Finalmente o Dodô falou, "*Todos* ganharam, e todos devem receber prêmios."

"Mas quem dará os prêmios?", um corão de vozes perguntou.

"Ora, *ela*, é claro", disse o Dodô apontando par' Alice com um dedo; e o partido inteiro imediatamente se aglomerou a seu redor, gritando duma maneira confusa, "Prêmios! Prêmios!".

Alice não tinha ideia do que fazer, e, em desespero, colocou sua mão em seu bolso e tirou uma caixa de confeitos (felizmente a água salgada não tinha entrado nela), e os distribuiu como prêmios. Havia exatamente um pedaço para cada.

"Mas ela mesma deve receber um prêmio, vós sabeis.", falou o Rato.

"É claro!", o Dodô replicou gravissimamente. "O que mais tu tens em teu bolso?", continuou, virando-se par' Alice.

"Apenas um dedal.", disse Alice tristemente.

"Passa-o para cá!", falou o Dodô.

Então todos eles se aglomeraram a sua volta mais uma vez enquanto o Dodô solenemente apresentava o dedal, dizendo, "Nós imploramos tua aceitação deste elegante dedal!"; e, quando ele terminou este discursinho, todos aplaudiram.

Alice achou a coisa toda absurdíssima, mas todos eles pareciam tão sérios que ela não ousou rir; e, como não pôde pensar em qualquer coisa para falar, simplesmente se curvou e pegou o dedal, parecendo o mais solene que podia.

O próximo passo foi comer os confeitos: isto causou algum barulho e confusão, já que as avezonas reclamavam que não conseguiam provar os seus, e as avezinhas s'engasgavam e tinham que levar tapinhas nas costas. Contudo estav'acabado enfim, e eles se sentaram novamente em círculo, e pediram ao Rato para lhes contar algo mais.

"Tu prometeste me contar tua história, sabes,", disse Alice, "e por que é que tu odeias... G e C.", acrescentou num sussurro, meio temerosa de que ele se ofendesse novamente.

"A minha é um longo e triste conto!", falou o Rato, se virando para Alice e suspirando.

"É uma longa cauda, certamente,", disse Alice, olhando com admiração para a cauda do Rato^[1]; "mas por que tu a chamas de triste?". E ela continuou se confundindo nisto enquanto o Rato falava, de modo que sua ideia do conto era algo assim:

"Fúria disse a um
rato, que
encontrou
na casa:
'Vamos

ambos ao
tribunal: Irei
processar
'Você'.-Venha
Não aceitarei
recusa; Nós
devemos ter
um julgamento:
realmente nesta
manhã não tenho
nada para
fazer.
disse o
rato para o
cão, "Tal
julgamento,
prezado senhor,
sem
júri
ou juiz,
seria
perda
do nosso
tempo"
"Eu serei
juiz, serei
o júri,"
Disse
bem feliz
Fúria:
"Irei
julgar a
causa
toda,
e
condenar

você
à
morte."

"Tu não estás atendendo!", disse o Rato a Alice rispivamente. "No que tu estavas pensando?"

"Perdão,", falou Alice humilimamente, "tu chegaste à quinta curva, eu acho?"

"Eu *não* cheguei!", gritou o Rato brusca e colericissimamente.

"Um nó!", disse Alice, sempre pronta para se fazer útil, e olhando ansiosamente a sua volta. "Ó, permite-me ajudar a desfazê-lo!"

"Eu nada farei do tipo.", falou o Rato, se levantando e indo embora. "Tu me insultas falando tais disparates!"

"Eu não o tencionava!", suplicou pobre Alice. "Mas tu te ofendes facilmente, sabes!"

O Rato somente resmungou em resposta.

"Por favor, volta e acaba tua história!", Alice chamou atrás dele; e todos os outros se juntaram em coro, "Sim, por favor, volta!", mas o Rato somente balançou sua cabeça impacientemente e andou um pouco mais rápido.

"Que pena que ele não quis ficar!", suspirou a Arara assim que ele estava bastante fora de vista; e uma velha caranguej' aproveitou a oportunidade para dizer a sua filha, "Ah, minha querida! Que isto te sirva de lição para que tu jamais percas tuas estribeiras!". "Segura tua língua, Mamãe!", disse a jovem carangueja, um pouco irritadamente. "Tu consegues testar a paciência duma ostra!"

"Eu gostaria de ter nossa Diná aqui, eu sei que sim!", disse Alice em voz alta, dirigindo-se a ninguém em particular. "Ela logo o traria de volta!"

"E quem é Diná, se eu puder me arriscar a fazer a pergunta?", disse a Arara.

Alice respondeu avidamente, pois ela sempre estava pronta para falar de seu animal d'estimação. "Diná é nossa gata. E ela é ótima para capturar ratos! E ó, eu queria que tu a pudesses ver atrás dos pássaros! Ora, ela comeria um passarinho logo que ela olhasse para ele!"

Este discurso causou uma sensação notável entre o grupo. Alguns dos pássaros fugiram duma vez: uma velha pega começou a se embrulhar toda cuidadosissimamente, comentando, "Eu realmente devo chegar em casa; o sereno não se adequa a minha garganta!", e uma canária gritou numa voz tremente para seus filhos: "Vinde embora, meus queridos! Já passou da hora de vós estardes em cama!" Sob

vários pretextos eles se afastaram, e Alice logo ficou sozinha.

"Eu queria não ter mencionado Diná!", ela disse para si num tom melancólico. "Ninguém parece gostar dela aqui embaixo, e eu tenho certeza de que ela é a melhor gata do mundo! Ó, minha querida Diná! Eu me pergunto se nunca a verei mais!". E aqui pobre Alice recomeçou a chorar, pois se sentiu solitaríssima e desanimada. Daí a pouco, entretanto, ela reouviu um barulhinho de passos ao longe e olhou avidamente, meio esperançosa de que o Rato mudara d'ideia e voltava para terminar sua história.

Notas

1. [↑](#) Eis um trocadilho: *tale* (conto) e *tail* (cauda).

CAPÍTULO IV

O COELHO MANDA UM PEQUENO GUI ENTRAR

ERA o Coelho Branco, marchando vagorosamente de volta e olhando ansiosamente em volta enquanto ia, como se tivesse perdido algo; e ela o ouviu murmurando consigo, "A Duquesa! A Duquesa! Ó minhas queridas patas! Ó minha pelagem e vibrissas! Ela me terá executado, tão certo quanto furões são furões! Onde eu *posso* tê-los deixado cair?". Alice adivinhou imediatamente que ele procurava pelo leque e o par de luvas brancas de pelica, e de muito boa índole começou a caçar em volta por eles, mas eles estavam em lugar nenhum para serem vistos... tudo parecia ter mudado desde seu mergulho na poça, e a grande sala, com a mesa de vidro e a portinha, desapareceram completamente.

Brevíssimo o Coelho notou Alice enquanto ela ia caçar em volta, e gritou com ela num tom raivoso, "Ora, Mary Ann, o que tu fazes por aqui? Corre para casa neste instante e traze-me um par de luvas e um leque! Rápido, agora!" E Alice estava tão assustada, que escoou imediatamente na direção para que ele apontou, sem tentar explicar o erro que ele cometera.

"Ele me tomou por sua criada.", ela disse para si enquanto corria. "Como ele ficará surpreso quando descobrir quem eu sou! Mas seria melhor levar-lhe seu leque e luvas... isso é, se eu conseguir encontrá-los.' Assim que disse isso, ela veio

sobre uma casinha esmerada, na porta da qual estava uma brilhante placa de latão, com o nome "C. BRANCO" gravado nela. Ela entrou sem bater e se apressou escada acima, com muito medo de que encontrasse a Mary Ann real e fosse expulsa da casa antes de ter encontrado o leque e as luvas.

"Que estranho parece", Alice disse para si, "estar recebendo ordens dum coelho! Eu suponho que Diná me estará dando ordens a seguir!". E ela começou a imaginar o tipo de coisa que aconteceria: "'Senhorita Alice! Vem aqui imediatamente e prepara-te para teu passeio!'. 'Chegando num minuto, ama! Mas eu tenho que observar este buraco de rato até Diná voltar, e ver que o rato não sai.' Eu só não acho", Alice continuou, "que eles deixariam Diná ficar em casa se ela começasse a mandar nas pessoas em volta assim!".

Neste instante ela tinha aberto caminho por um quartinho bem arrumado com uma mesa na janela, e sobre ela (como ela tinha esperado) um leque e dois ou três pares de luvinhas brancas de pelica: ela pegou o leque e um par das luvas, e já estava saindo do quarto, quando sua visão caiu sobre uma garrafinha que estava perto do espelho. Não havia etiqueta desta vez com as palavras "BEBA-ME," mas apesar disso ela a desenrolhou e a levou aos lábios. 'Eu sei que alguma coisa interessante está com certeza para acontecer,' disse para si mesma, 'sempre que eu como ou bebo qualquer coisa: então eu já vou ver o que esta garrafa faz. Eu realmente espero que ela me faça crescer, pois eu

realmente estou completamente cansada de ser uma coisinha tão pequena!



Ela realmente fez, e mais cedo do que ela esperava: antes que ela tivesse bebido metade da garrafa, ela sentiu sua cabeça apertando-se contra o teto, e teve que curvar-se para salvar seu pescoço de ser quebrado. Ela soltou a garrafa apressadamente, dizendo para si mesma 'É o suficiente -- Espero não crescer mais -- Como estou, eu não posso sair pela porta -- Eu realmente gostaria de não ter bebido tanto!'

Ai! Era muito tarde para desejar isso! Ela continuou crescendo, e crescendo, e logo teve que se ajoelhar no chão: no momento seguinte não havia espaço suficiente para isso, e ela testou o resultado de deitar com um cotovelo contra a porta, e o outro braço enroscado em volta da cabeça dela. Contudo ela continuou crescendo, e, como último recurso, colocou um braço para fora da janela, e um pé pela chaminé, e disse a si mesma 'Agora eu não posso fazer mais nada, aconteça o que acontecer. O que será de mim?'

Felizmente para Alice, a garrafinha mágica tinha agora tido todo o seu efeito, e ela não cresceu mais: todavia estava muito desconfortável, e, como não parecia haver qualquer chance de ela algum dia sair do quarto de novo, não admira que ela ficou triste.

'Era muito mais agradável em casa,' pensou a pobre Alice, 'quando não se estava sempre crescendo e encolhendo, e sendo mandada por ratos e coelhos. Eu quase queria não ter descido naquela toca de coelho -- e ainda -- e ainda-- é bastante curioso, sabe, este tipo de vida! Eu realmente imagino o que pode ter me acontecido! Quando eu lia contos de fada, eu imaginava que aquele tipo de coisa nunca acontecesse, e agora cá estou no meio de um! Deve haver um livro escrito sobre mim, isto deve! E quando eu crescer, eu escreverei um -- mas eu estou crescida agora,' ela adicionou em tom pesaroso; 'ao menos não há mais espaço para crescer mais aqui.'

'Mas então,' pensou Alice, 'eu nunca ficarei mais velha do que estou agora? Isto seria um alívio, por um lado -- nunca ser uma velha -- mas por outro -- sempre ter lições a aprender! Oh, eu não gostaria disto!'

'Oh, sua tola Alice!' ela respondeu para si. 'Como você pode aprender lições aqui? Bem, mal há lugar para você, e nenhum lugar para qualquer livro didático!'

E então ela continuou, tomando primeiro um lado e depois o outro, e fazendo completamente uma conversação disto tudo; mas após alguns minutos ela ouviu uma voz do lado de fora, e parou para ouvir.

'Mary Ann! Mary Ann!' disse a voz. 'Traga-me minhas luvas neste instante!' Então veio um barulhinho de pés na escada. Alice sabia que era o Coelho vindo procurá-la, e ela tremeu até sacudir a casa, esquecendo completamente que estava agora quase mil vezes maior que o Coelho, e não tinha nenhuma razão para ter medo dele.

Daí a pouco o Coelho subiu até a porta, e tentou abri-la; mas, como a porta se abria para dentro, e o ombro de Alice estava firmemente pressionado contra ela, esta tentativa foi um fracasso. Alice o ouviu dizer para si mesmo 'Então eu vou dar a volta e entrar pela janela.'



'Isto você não vai' pensou Alice, e, depois de esperar até ela imaginar ouvir o Coelho logo embaixo da janela, ela subitamente estendeu a mão para fora e tentou agarrar no ar. Ela não agarrou nada, mas ouviu um gritinho estridente e uma queda, e um estraçalhamento de vidro quebrado, do qual ela concluiu que era bem possível que ele tivesse caído sobre uma pequena estufa,^[1] ou algo do tipo.

Em seguida veio uma voz irritada -- o Coelho -- 'Pat! Pat! Onde você está?' E então uma voz que ela nunca tinha ouvido, 'Sem dúvida estou aqui agora! Cavando por maçãs, Vossa Excelência!'

'Cavando por maçãs, certamente!' disse o Coelho com raiva. 'Aqui! Venha e me ajude a sair disto!' (Sons de mais vidros quebrados.)

'Agora diga-me, Pat, o que é aquilo na janela?'

'Claro, é um braço, Vossa Excelência!' (Ele pronunciou 'braçum.')

'Um braço, seu tolo! Quem já viu um daquele tamanho? Ora, ele ocupa toda a janela!'

'Claro, ocupa, Vossa Excelência: mas é um braço mesmo assim.'

'Bem, ele não deveria estar lá, de qualquer forma: vá e retire-o!'

Houve um longo silêncio depois disso, e Alice só podia ouvir cochichos aqui e ali; tais como, 'Sem dúvida eu não gosto disto, Vossa Excelência, nem um pouco, nem um pouco!' 'Faça o que estou dizendo, seu covarde!' e finalmente ela estendeu a mão de novo, e tentou agarrar no ar mais uma vez. Desta vez houve dois gritinhos, e mais sons de vidro quebrado. 'Quantas pequenas estufas^[1] deve haver!' pensou Alice. 'O que eles vão fazer em seguida! Quanto a me puxar pela janela, eu só queria que eles pudessem! Eu só sei que não quero mais ficar aqui!'

Ela esperou algum tempo sem ouvir mais nada: finalmente veio um ruído de carrinhos de mão, e o som de muitas vozes todas falando ao mesmo tempo: ela compreendeu as palavras: 'Onde está a outra escada de mão? -- Bem, eu só tive que trazer uma; Bill está com a outra -- Bill! traga-a aqui, rapaz! -- Aqui, coloquem-nas neste canto -- Não, amarrem-nas primeiro -- elas não chegam nem à metade ainda -- Oh! elas vão servir muito bem; não seja exigente -- Aqui, Bill! agarre-se a esta corda -- O teto vai suportar? -- Preste atenção àquela telha solta -- Oh, está caindo! Cuidado com as cabeças aí em baixo!' (um estrondo alto) -- 'Ora, quem fez isto? -- Foi Bill, eu imagino -- Quem vai descer pela chaminé? -- Não, eu não irei! Você vai! -- Isto é que não, neste caso! -- Bill é quem vai descer -- Aqui, Bill! o amo diz que você é quem deve descer pela chaminé!'

'Oh! Então Bill tem que descer pela chaminé, não tem?' disse Alice para si mesma. 'Bem, parece que eles colocam tudo sobre Bill! Eu não gostaria de estar no lugar de Bill: a lareira é estreita, com certeza; mas eu acho que posso chutar um pouco!'



Ela colocou o pé na chaminé tão fundo quanto pode, e esperou até ouvir um animalzinho (ela não pode adivinhar de que tipo ele era) arranhando e arrastando-se dentro da chaminé perto por sobre ela: então, dizendo para si mesma 'Este é Bill,' ela deu um chute brusco, e esperou para ver o que aconteceria em seguida.

A primeira coisa que ela ouviu foi um coro geral de 'Lá vai o Bill!' então a voz do Coelho adiante -- 'Peguem-no, vocês perto da cerca viva!' então silêncio, e então outra confusão de vozes -- 'Mantenha a cabeça dele erguida -- Conhaque agora -- Não o sufoquem -- Como foi, velho companheiro? O que aconteceu com você? Conte-nos tudo sobre isto!'

Finalmente veio uma voz fraca, guinchante ('É a voz de Bill,' pensou Alice,) 'Bem, eu mal sei -- Não mais, obrigado; estou melhor agora -- mas eu estou bastante confuso para lhes contar -- tudo que sei é que, algum coisa veio até mim como um *jack-in-the-box*, e lá vou eu para cima como um foguete!'

'Realmente você foi, velho companheiro!' disseram os outros.

'Devemos queimar a casa!' disse a voz do Coelho; e Alice gritou tão alto quanto pode, 'Se você fizer isso. Eu vou soltar Diná em você!'

Houve imediatamente um completo silêncio, e Alice pensou consigo mesma, 'O que eles vão fazer em seguida! Se eles tivessem alguma sensatez, eles tirariam o teto.' Depois de um minuto ou dois, eles começaram a se mover de novo, e Alice ouviu o Coelho dizer, 'Uma carga do carrinho-de-mão será suficiente, para começar.'

'Uma carga de quê?' pensou Alice; mas ela não precisou duvidar por muito tempo, pois no momento seguinte uma saraivada de pequenos seixos veio estrondando janela adentro, e alguns deles atingiram-na no rosto. 'Vou dar um fim a isto,' ela disse a si mesma, e gritou para fora, 'É melhor vocês não fazerem isto de novo!' o que provocou outro completo silêncio.

Alice notou com alguma surpresa que os seixos estavam todos se transformando em bolinhos enquanto caíam no chão, e uma ideia brilhante lhe veio à cabeça. 'Se eu comer um destes bolos,' ela pensou, 'certamente produzirá alguma mudança no meu tamanho; e como ele possivelmente não pode me tornar maior, deve me tornar menor, eu suponho.'

Então ela engoliu um dos bolos, e ficou encantada em descobrir que ela começou a encolher imediatamente. Assim que ela ficou pequena o suficiente para passar pela porta, ela saiu correndo da casa, e achou uma tal multidão de pequenos animais e pássaros esperando do lado de fora. O pobre pequeno Lagarto, Bill, estava no meio, sendo mantido erguido por dois porquinhos-da-índia, que estavam

lhe dando algo de uma garrafa. Todos precipitaram-se sobre Alice no momento que ela apareceu; mas ela fugiu tão rápido quanto podia, e logo achou-se a salvo em um bosque denso.

'A primeira coisa que tenho que fazer,' disse Alice para si mesma, enquanto vagava pelo bosque, 'é crescer até o meu tamanho certo de novo; e a segunda coisa é achar o caminho para aquele jardim encantador. Eu acho que este será o melhor plano.'

Soava como um plano excelente, sem dúvidas, e muito hábil e simplesmente arranjado; a única dificuldade era, que ela não tinha a menor idéia de como começar com ele; e enquanto ela estava perscrutando ansiosamente por entre as árvores, um pequeno e agudo latido bem sobre a cabeça dela a fez olhar para cima com muita pressa.



Um cachorrinho enorme estava olhando para baixo para ela com olhos grandes e redondos, e debilmente esticando uma pata, tentando tocá-la. 'Pobre coisinha!' disse Alice, em tom afagante, e ela tentou muito assobiar para ele; mas ela estava terrivelmente assustada todo o tempo com o pensamento de que ele pudesse estar com fome, situação na qual seria muito provável que ele a comesse apesar de todo o seu afago.

Mal sabendo o que fez, ela pegou um pedacinho de graveto, e o estendeu para o cachorrinho; e então o cachorrinho pulou no ar com todas as suas patas imediatamente, com um ganido de prazer, e lançou-se ao graveto, e fingiu atacá-lo a dentadas; então Alice fugiu para trás de um grande cardo, guardar-se de ser atropelada; e no momento em que ela

apareceu do outro lado, o cachorrinho lançou-se novamente ao graveto, e andou aos tropeções na pressa de alcançá-lo; então Alice, pensando que era muito parecido com brincar com um cavalo, e esperando a todo momento ser esmagada sob as patas dele, correu em redor do cardo de novo; então o cachorrinho começou uma sucessão de breves ataques ao graveto, correndo uma pequena distância para a frente a cada vez e uma longa distância para trás, e latindo rouco todo o tempo, até finalmente ele sentar bastante longe, ofegando, com sua língua pendurada da boca, e seus olhos grandes meio fechados.

Esta pareceu a Alice uma boa oportunidade para fugir; então ela partiu imediatamente, e correu até que estivesse completamente cansada e sem fôlego, e até que o latido do cachorrinho soasse bastante fraco ao longe.

'E no entanto que lindo cachorrinho era!' disse Alice, enquanto apoiava-se em um ranúnculo para descansar, e abanava-se com uma das folhas dele: 'Eu teria gostado muito de ensinar-lhe truques, se -- se ao menos eu tivesse o tamanho certo para fazê-lo! Meu Deus, eu quase esqueci que eu tenho que crescer de novo! Deixe-me ver -- como isto pode ser arranjado? Suponho que eu deveria comer ou beber alguma coisa ou outra; mas a grande questão é, o quê?'

A grande questão certamente era, o quê? Alice olhou em volta dela para as flores e folhas de relva, mas ela viu não

nada que parecesse com a coisa certa a comer ou beber em tais circunstâncias. Havia um grande cogumelo crescendo perto dela, com quase a mesma altura que ela; e quando ela tinha olhado sob ele, e em ambos os lados dele, e atrás dele, ocorre-lhe que ela poderia muito bem olhar e ver o que estava no alto dele.

Ela se esticou ao máximo, e espiou por sobre a borda do cogumelo, e seus olhos encontraram imediatamente os de uma grande lagarta, que estava sentada no alto com seus braços cruzados, tranquilamente fumando um longo narguilé, e não fazendo o menor caso dela ou de qualquer outra coisa.

Notas

1. [1 2](#) No original "cucumber-frame". *Cucumber-frame* eram pequenas estufas que os jardineiros utilizavam na época vitoriana para cultivar plantas individualmente.



CAPÍTULO V

AVISO DUMA LAGARTA

A LAGARTA e Alice se olharam por algum tempo em silêncio: por fim a Lagarta tirou o narguilé da boca e se dirigiu a ela com uma voz lânguida, ensonada.

“Quem és?”, disse a Lagarta.

Este não era um início encorajador para uma conversa. Alice respondeu, meio timidamente, 'Eu -- eu mal sei, senhor, no momento -- ao menos eu sei quem eu era quando

eu levantei esta manhã, mas eu acho que devo ter sido mudada várias vezes desde então'.

'O que você quer dizer com isso?', disse severamente a Lagarta. 'Explique-se!'

'Receio que não posso me explicar, senhor', disse Alice, 'porque eu não sou eu mesma, você vê.'

'Eu não vejo', disse a Lagarta.

'Temo não poder colocá-lo mais claramente,' respondeu Alice muito educadamente, 'pois eu mesma não consigo entendê-lo para começar; e ter tantos tamanhos diferentes em um dia é muito desconcertante.'

'Não é', disse a Lagarta.

'Bem, talvez você não ache isso ainda", disse Alice; "mas quando você tiver que virar uma crisálida --você irá algum dia, sabe -- e então depois disso uma borboleta, eu penso que você vai se sentir um pouco estranha, não vai?'

'Nem um pouco', disse a Lagarta.

'Bem, talvez seus sentimentos sejam diferentes', disse Alice; 'tudo que sei é que seria muito estranho para mim.'

'Você!', disse a Lagarta desdenhosamente. 'Quem é você?'

O que as trouxe de volta ao início da conversa. Alice se sentiu um pouco irritada com a Lagarta fazendo tais comentários tão secos e ela deteve-se e disse, muito seriamente, 'Eu acho, que você deveria me dizer quem é você, primeiro.'

'Por quê?', disse a Lagarta.

Aqui estava outra questão intrigante; e como Alice não podia pensar em nenhum bom motivo, e como a Lagarta pareceu estar em um estado de espírito muito desagradável, ela se virou.

'Volte!', a Lagarta a chamou. 'Eu tenho algo importante para dizer!'

Isto pareceu promissor, com certeza: Alice virou-se e voltou.

'Mantenha a calma', disse a Lagarta.

'Isto é tudo?' disse Alice, engolindo sua raiva o melhor que podia.

'Não', disse a Lagarta.

Alice achou que podia muito bem esperar, já que não tinha mais nada para fazer e, afinal de contas, talvez ela pudesse lhe contar algo que valesse a pena escutar. Por alguns minutos ela bafou sem falar, mas por fim ela descruzou os

braços, tirou o narguilé da boca de novo e disse, 'Então você acha que está mudada, não é?'

'Receio estar, senhor', disse Alice; 'Eu não consigo me lembrar das coisas como costumava -- e eu não mantenho o mesmo tamanho por dez minutos seguidos!'

'Não consegue se lembrar de que coisas?', disse a Lagarta.

'Bem, eu tentei recitar 'HOW DOTH THE LITTLE BUSY BEE', mas tudo saiu diferente!' Alice respondeu com um tom de voz muito melancólico.

'Recite, 'YOU ARE OLD, FATHER WILLIAM, *disse a Lagarta.*

Alice cruzou suas mãos e começou:

'Você está velho, Pai William,' disse o jovem, 'E seu cabelo se tornou muito branco; E ainda que permaneça continuamente na sua cabeça-- Você acha, na sua idade, isto correto?'

'Em minha juventude,' Pai William replicou para seu filho, 'temo que possa machucar o cérebro; Mas, agora que eu tenho completa certeza que não tenho nenhum, motivo qual, farei de novo e de novo.'

'Você está velho', disse o jovem, 'conforme mencionei antes, e tem crescido mais incomumente gordo; No entanto você

girou um salto mortal para trás na porta--Ora, qual é a razão disto?'

'Em minha juventude,' disse o sábio, conforme balançava seus tufos de cabelo cinzas, 'Mantenho todos os meus membros bem flexíveis pelo uso desta pomada--um xelim a caixa-- permita-me vender para você um par?'

'Você está velho, disse o jovem, ' e suas mandíbulas estão muito fracas para qualquer coisa mais dura que um sebo; No entanto você terminou o ganso, com os ossos e o bico-- Ora como você consegue isto?'

'Em minha juventude,' disse o pai, 'Tomei a lei, e argumentei cada caso com minha esposa; E a força muscular, que deu as minhas mandíbulas, permaneceu pelo resto de minha vida.'

'Você está velho,' disse o jovem, 'um dificilmente suporia que seus olhos eram tão firmes como nunca; No entanto você equilibrou uma enguia na ponta do seu nariz-- O que te fez tão terrivelmente esperto?'

'Respondi três questões, e isto é suficiente,' disse o pai; 'Não seja arrogante! Você acha que posso ouvir o dia todo tais coisas? Vá embora, ou eu vou chutá-lo escada abaixo!'

'Isso não está certo', disse a Lagarta.

'Não completamente certo, receio', disse Alice, timidamente; 'algumas das palavras foram alteradas.'

'Está errado do começo ao fim', disse a Lagarta decididamente, e houve silêncio por alguns minutos.

'De que tamanho você quer ser?', ela perguntou.

'Oh, eu não sou exigente quanto ao tamanho', respondeu Alice apressadamente; 'apenas não se gosta de mudar tão frequentemente, sabe.'

'Eu não sei', disse a Lagarta.

Alice não disse nada: ela nunca tinha sido tão contradita na vida antes e ela achou que estivesse perdendo a calma.

'Você está satisfeita agora?' disse a Lagarta.

'Bem, eu gostaria de ser um pouco maior, senhor, se você não se importasse', disse Alice: 'três polegadas é uma estatura tão infeliz de se ter''.

'É certamente uma estatura muito boa!', disse a Lagarta zangadamente, empinando-se verticalmente enquanto falava (ela tinha exatamente sete centímetros de altura).

'Mas eu não estou acostumada com ela!', alegou a pobre Alice em um tom de lástima. E ela pensou para consigo, 'Eu queria que os animais não fossem ofendidos tão facilmente!'

'Você vai se acostumar com ela com o tempo', disse a Lagarta; e colocou o narguilé na boca e começou a fumar de novo.

Desta vez Alice esperou pacientemente até ela escolher falar novamente. Em um ou dois minutos a Lagarta tirou o narguilé da boca e bocejou uma ou duas vezes e sacudiu-se. Então, ela desceu do cogumelo e andou para dentro da grama, apenas comentando enquanto ia, "Um lado vai fazer você crescer e o outro lado vai fazer você encolher". 'Um lado de quê? O outro lado de quê?', pensou Alice consigo mesma.

'Do cogumelo', disse a Lagarta, como se ela tivesse perguntado em voz alta; e em seguida ela estava fora de vista.

Alice ficou olhando atenciosamente para o cogumelo por um minuto, tentando adivinhar quais eram os dois lados dele; e como ele era perfeitamente redondo, ela achou esta uma questão muito difícil. Contudo, finalmente ela esticou os braços dela em volta dele tão longe quanto eles iam e partiu um pedaço da borda com cada mão.

'E agora, qual é qual?' ela disse a si mesma, e mordiscou um pouco do pedaço da mão direita para provar o efeito: em seguida ela sentiu um sopro violento por baixo de seu queixo: ele tinha batido nos pés dela!

Ela ficou bastante assustada com essa mudança tão súbita, mas sentiu que não havia tempo a perder, já que ela estava encolhendo rapidamente; então ela decidiu pôs imediatamente mãos à obra para comer um pouco do outro pedaço. O queixo dela estava pressionado tão junto contra seus pés, que mal havia espaço para abrir a boca; mas ela o fez finalmente e conseguiu engolir um bocado do pedaço da mão esquerda.

"Ora vamos, minha cabeça está livre finalmente!" disse Alice em tom de alegria, o qual mudou para inquietação no momento seguinte, quando ela percebeu que seus ombros não podiam ser achados: tudo que podia ver, quando olhava para baixo, era uma imensa extensão de pescoço, que parecia erguer-se como um talo para fora do mar de folhas verdes que se encontrava muito abaixo dela.

'O que será toda aquela coisa verde?' disse Alice. 'E aonde foram os meus ombros? E oh, minhas pobres mãos, como é que eu não posso vê-las?' Ela as estava movendo por todo lado enquanto falava, mas nenhum resultado parecia se seguir, a não ser por uma pequena sacudida entre as folhas verdes distantes.

Como parecia não haver chance de levantar suas mãos até a cabeça, ela tentou abaixar a cabeça até elas, e ficou encantada ao descobrir que seu pescoço se dobraria facilmente em qualquer direção, como uma serpente. Ela acabara de conseguir curvá-lo em um elegante ziguezague,

e ia mergulhá-lo entre as folhas, que ela achava não serem nada além do topo das árvores sob as quais ela havia vagado, quando um assovio agudo a fez retroceder apressadamente: uma grande pomba voou ao rosto dela, e estava batendo nela violentamente com as asas dele.

'Serpente!' gritou a Pomba.

'Eu não sou uma serpente!' disse Alice indignada. 'Deixe-me em paz!'

'Serpente, eu digo de novo!' repetiu a Pomba, mas em tom mais desanimado, e acrescentou com um pequeno soluço, 'Eu tentei de todas as formas, e nada parece convir a elas!'

'Eu não tenho a menor idéia do que você está falando,' disse Alice.

'Eu tentei as raízes das árvores, e tentei margens, e tentei sebes,' a Pomba continuou, sem atender ela; 'mas essas serpentes! Nada as contenta!'

Alice estava mais e mais intrigada, mas achou inútil dizer qualquer coisa mais até que a Pomba tivesse terminado.

'Como se não fosse problema o suficiente chocar os ovos,' disse a Pomba; 'mas eu tenho que tomar cuidado com serpentes noite e dia! Ora essa, eu não preguei os olhos estas três semanas!'

'Eu sinto muito que você tenha sido incomodada," disse Alice, que estava começando a ver o que ela queria dizer.

'E logo quando peguei a árvore mais alta no bosque," continuou a Pomba, elevando a voz a um grito estridente, "e logo quando eu estava pensando que ficaria livre delas finalmente, elas teimam em descer se retorcendo do céu! Ugh, Serpente!'

'Mas eu não sou uma serpente, eu lhe digo!' disse Alice. 'Eu sou uma -- Eu sou uma --'

'Bem! O que você é?' disse a Pomba. 'Vejo que você está tentando inventar algo!'

'Eu -- Eu sou uma garotinha,' disse Alice, de forma um tanto duvidosa, visto que ela lembrava o número de mudanças que atravessara naquele dia.

'Uma história muito provável de fato!' disse a Pomba em tom do mais profundo desprezo. 'Eu já vi muitas garotinhas no meu tempo, mas nunca uma com um pescoço tão longo como esse! Não, não! Você é uma serpente; e é inútil negá-lo. Suponho que em seguida você me contará que nunca provou um ovo!'

'Eu provei ovos, certamente,' disse Alice, que era uma criança muito sincera; 'mas garotinhas comem ovos quase tanto quanto serpentes, sabe.'

'Eu não acredito,' disse a Pomba; 'mas se elas comem, bem, então elas são um tipo de serpente, é tudo que posso dizer.'

Esta era uma idéia tão nova para Alice, que ela ficou totalmente silenciosa por um minuto ou dois, o que deu a Pomba a oportunidade de acrescentar, "Você está procurando por ovos, eu sei disso muito bem; e o que me importa se você é uma garotinha ou uma serpente?"

'Importa muito para mim,' disse Alice depressa; 'mas eu não estou procurando por ovos, no momento; e se estivesse, eu não quereria os seus: eu não gosto deles crus.'

'Bem, afaste-se, então!' disse a Pomba em tom emburrado, enquanto se instalava de novo no seu ninho. Alice agachou-se entre as árvores o melhor que pode, pois o pescoço dela continuou se enredando entre os galhos, e aqui e ali ela tinha que parar e desenredá-lo. Depois de um tempo ela se lembrou que ainda segurava os pedaços do cogumelo nas mãos, e ela pôs mãos à obra muito cuidadosamente, beliscando primeiro um e depois o outro, e às vezes crescendo e às vezes encolhendo, até que ela conseguiu reduzir-se à altura usual.

Fazia tanto tempo desde que ela tinha tido qualquer coisa perto do tamanho certo, que pareceu bastante estranho a princípio; mas ela se acostumou com ele em alguns minutos, e começou a falar consigo mesma, como sempre. 'Ora vamos, eis metade do meu plano completo agora!'

Quão complicadas todas essas mudanças são! Eu nunca tenho certeza do que serei, de um minuto para o outro! Contudo, voltei ao meu tamanho certo: a próxima coisa é entrar no belo jardim -- como fazer isso?' Assim que disse isto, ela chegou inesperadamente a um lugar aberto, com uma pequena casa nele com cerca de um metro e vinte centímetros de altura. 'Quem quer que more aqui,' pensou Alice, 'não seria apropriado aparecer para eles deste tamanho: bem, eu os assustaria até ficarem fora de si!' Então ela começou a beliscar o pedaço da mão direita de novo, e não se arriscou a se aproximar da casa até ter alcançado vinte e dois centímetros de altura.



Capítulo VI

Porco e Pimenta.

Por um minuto ou dois ela ficou olhando a casa, e perguntando-se o que fazer em seguida, quando de repente um lacaios de libré saiu correndo do bosque -- (ela o considerou um lacaios porque ele estava de libré: senão, julgando apenas pelo rosto dele, ela o teria chamado de peixe) -- e bateu ruidosamente na porta com os nós de seus dedos. Ela foi aberta por outro lacaios em libré, com uma cara redonda, e grandes olhos como uma rã; e ambos os lacaios, Alice observou, tinham cabelos empoados^[1] que se ondulavam sobre toda a cabeça deles. Ela se sentiu muito

curiosa para saber sobre o que era tudo aquilo, e rastejou uma pequena distância para fora do bosque para escutar.

O Lacaio-Peixe começou tirando debaixo do braço uma grande carta, quase tão grande quanto ele mesmo, e esta ele entregou ao outro, dizendo em tom solene, "Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar cróquete." O Lacaio-Rã repetiu, no mesmo tom solene, apenas mudando a ordem das palavras, "Da Rainha. Um convite para a Duquesa para jogar cróquete."

Então ambos cumprimentaram-se curvando-se, e seus cachos enredaram-se.

Alice riu tanto disto, que ela teve que correr de volta para o bosque por medo de que eles a escutassem; e quando ela espreitou logo em seguida o Lacaio-Peixe desaparecera, e o outro estava sentado no chão perto da porta, fitando estupidamente o céu.

Alice foi timidamente até a porta, e bateu.

"É inútil bater," disse o Lacaio, "e isso por duas razões. Primeiro, porque eu estou do mesmo lado da porta que você; segundo, porque eles estão fazendo tal barulho dentro, que virtualmente ninguém conseguiria ouvir você." E certamente havia o mais extraordinário barulho dentro -- um constante lamentar-se e espirrar, e aqui e ali um grande

espatifar-se, como se um prato ou chaleira tivesse sido feito em pedaços.

"Por favor, então," disse Alice, "como eu posso entrar?"

"Haveria algum sentido em sua batida," o Lacaio continuou sem prestar atenção a ela, "se nós tivéssemos a porta entre nós. Por exemplo, se você estivesse dentro, você bateria, e eu poderia deixá-la sair, sabe." Ele estava olhando para cima para o céu todo o tempo que falava, e isto Alice achou decididamente grosseiro. "Mas talvez ele não possa evitar," ela disse para si mesma; "os olhos dele estão quase tão completamente na parte superior de sua cabeça. Mas em todo caso ele podia responder a perguntas. --Como eu posso entrar?" ela repetiu, em voz alta.

"Devo me sentar aqui," o Lacaio observou, "até amanhã--"

Neste momento a porta da casa se abriu, e um grande prato saiu deslizando, diretamente na cabeça do Lacaio: apenas roçando seu nariz, e quebrou se em pedaços contra uma das árvores atrás dele.

"--ou depois de amanhã, talvez," o Lacaio continuou no mesmo tom, exatamente como se nada tivesse acontecido.

"Como posso entrar?" perguntou Alice de novo, em tom mais alto.

"Será que é para você entrar?" disse o Lacaio. "Essa é a primeira pergunta, sabe."

E era, sem dúvidas: só que Alice não gostava que isto lhe fosse dito. "É realmente terrível," murmurou para si mesma, "a maneira como todas as criaturas discutem. É o bastante para deixar alguém louco!"

O Lacaio pareceu achar ser esta uma boa oportunidade para repetir sua observação, com variações. "Eu devo sentar aqui," ele disse, "aqui e fora, por dias e dias."

"Mas o que eu devo fazer?" disse Alice.

"O que você quiser," disse o Lacaio, e começou a assobiar.

"Oh, é inútil falar com ele," disse Alice desesperadamente: "ele é completamente idiota!" E ela abriu a porta e entrou. A porta levava direto a uma grande cozinha, que estava cheia de fumaça de um lado a outro: a Duquesa estava sentada em um tamborete de três pernas no meio, embalando um bebê; a cozinheira estava inclinando-se sobre o fogo, mexendo um grande caldeirão que parecia estar cheio de sopa.

"Há certamente muita pimenta naquela sopa!" Alice disse para si mesma, tanto quanto podia por espirrar.

Havia certamente muito dela no ar. Mesmo a Duquesa espirrava ocasionalmente; e quanto ao bebê, ele estava

espirrando e chorando alternadamente sem um momento para pausa. As únicas coisas na cozinha que não espirravam eram a cozinheira e um grande gato que estava sentado no meio e sorrindo largamente de orelha a orelha.

"Por favor, você poderia me dizer," disse Alice, um pouco timidamente, pois ela não estava bem certa se era de bom tom falar primeiro, "por que o seu gato sorri assim?"

"É um gato de Cheshire," disse a Duquesa, "e é por isso. Porco!"

Ela disse a última palavra com uma violência tão súbita que Alice sobressaltou-se um pouco; mas ela viu em seguida que fora dirigida ao bebê e não a ela, então reuniu coragem, e continuou de novo:

"Eu não sabia que gatos de Cheshire sempre sorriam; na verdade, eu não sabia que gatos podiam sorrir."

"Todos eles podem," disse a Duquesa; "e a maioria o faz."

"Eu não sei de nenhum que o faça," Alice disse muito polidamente, se sentindo muito alegre por se envolver em uma conversa.

"Você não sabe muito," disse a Duquesa; "e isso é um fato."

Alice não gostou nem um pouco do tom desta observação, e pensou que seria bom introduzir algum outro assunto na

conversação. Enquanto ela estava tentando estabelecer um, a cozinheiro tirou o caldeirão de sopa do fogo, e imediatamente começou a trabalhar jogando tudo dentro de seu alcance na Duquesa e no bebê -- o atiçador veio primeiro; depois seguiu-se uma chuvarada de panelas, talheres e pratos. A Duquesa não deu atenção aos mesmos, mesmo quando eles bateram nela; e o bebê já estava chorando tanto, que era bastante impossível dizer se as pancadas o machucavam ou não.

"Oh, por favor, tenha cuidado com o que está fazendo!" gritava Alice, pulando para cima e para baixo em uma agonia de terror. "Oh, lá vai o precioso nariz dele"; enquanto uma caçarola extraordinariamente grande voou perto dele, e quase o carregou.

"Se todos cuidassem da sua própria vida," disse a Duquesa em um resmungo rouco, "o mundo giraria um tanto mais rápido do que ele o faz."

"O que não seria uma vantagem," disse Alice, que se sentiu muito feliz por ter uma oportunidade de exibir um pouco de seu conhecimento. "Pense só no efeito que causaria no dia e na noite! Sabe, a Terra leva vinte e quatro horas para girar no seu eixo--"

"Por falar em machados,"^[2] disse a Duquesa, "cortem-lhe a cabeça!"

Alice olhou bastante ansiosamente de relance para a cozinheira, para ver se ela pretendia aceitar a sugestão; mas a cozinheira estava ocupadamente mexendo a sopa, e não pareceu estar escutando, então ela continuou de novo: "Vinte e quatro hora, eu acho; ou são doze? Eu--"



"Oh, não me incomode," disse a Duquesa; "Eu nunca pude suportar imagens!" E com isso ela começou a ninar sua criança de novo, cantando uma espécie de canção de ninar enquanto o fazia, e dando-lhe um chacoalhão violento ao fim de cada linha:

"Fale rudemente com nosso pequeno menino, e bata nele quando ele espirrar: Ele apenas faz para irritar, Porque ele sabe que provoca."

REFRÃO

(Ao qual a cozinheira e o bebê se juntaram):

"Wow! wow! wow!"

Enquanto a Duquesa cantava a segunda estrofe da canção, ela continuou sacudindo violentamente o bebê para cima e para baixo, e a pobre criatura chorava tanto, que Alice dificilmente pode ouvir as palavras:

Eu falo severamente com o meu menino, bato-lhe quando ele espirra; Para ele realmente apreciar a pimenta quando quiser!

REFRÃO

"Wow! wow! wow!"

"Tome! Você pode niná-lo um pouco, se quiser!" disse a Duquesa para Alice, arremessando o bebê para ela enquanto falava. "Tenho que ir e me preparar para jogar cróquete com a Rainha", e ela saiu às pressas da sala. A cozinheira jogou uma frigideira nela enquanto ela saía, mas esta não a acertou.

Alice apanhou o bebê com alguma dificuldade, assim como se fosse uma estranha criatura, com braços e pernas em todas as direcções assim 'como se fosse uma estrela do mar', pensou Alice. A pequena criança respirava como se fosse uma máquina a vapor, quando ela o agarrou, continuando a debater-se, que ambos, pelos primeiros minutos, era tudo o que ela podia fazer para agarrá-lo.



Assim que ela fizera a maneira correta de cuidar dele, (que era enrolá-lo em um tipo de nó e depois manter firme e preso em sua orelha direita e pé esquerdo, assim prevenindo de se soltar sozinho,) ela o carregou para a área aberta. "Se eu não levar esta criança comigo," Alice pensou, "eles com certeza irão matá-la em um ou dois dias: não seria assassinato deixá-la para trás?" Ela disse as duas últimas palavras alto, e então uma pequena coisa grunhiu em resposta (tinha deixado de espirrar neste momento). "Não grunha," disse Alice; "este não é o modo correto de se expressar."

O bebê grunhiu novamente, e Alice olhou muito ansiosamente na direção do rosto dele para ver qual era o problema com ele. Não havia dúvida de que tinha um nariz bastante dobrado, parecendo mais um focinho que um nariz real; também os olhos dele eram extremamente pequenos para um bebê: em geral Alice não gostava da aparência de toda a coisa. "Mas talvez ele estava apenas soluçando," ela pensou, e olhou dentro dos olhos dele novamente, para ver se havia alguma lágrima.

Não, não havia lágrimas. "Se você vai se transformar em um porco, meu querido," disse Alice, seriamente, "Eu não terei nada mais a fazer por você. Imagina!" A pobre coisinha soluçou novamente (ou grunhiu, era impossível de dizer o que), e eles continuaram por algum tempo em silêncio.

Alice estava começando a pensar consigo mesma, "Agora, o que eu vou fazer com esta criatura quando chegar em casa?" quando grunhiu novamente, tão violentamente, que ela olhou para baixo com o rosto alarmado. Era o momento de não haver enganos sobre isto: não era nem mais nem menos que um porco, e ela percebeu que seria bem absurdo para ela carregá-lo adiante.

Então ela colocou a pequena criatura no chão, e se sentiu bem aliviada de vê-la trotando embora calmamente pela floresta. "Se tivesse crescido," disse a si mesma, "teria sido uma criança terrivelmente feia: mas agora faz um belo

porco, eu acho." E ela começou a pensar em outras crianças que conhecia, as quais poderiam ser muito bem como porcos, e estava justamente dizendo a si mesma, "se alguém apenas soubesse o jeito certo de mudá-las--" quando ela ficou um pouco assustada por ver o gato de Cheshire sentado em um galho de uma árvore um pouco adiante.



O Gato apenas sorriu largamente quando viu Alice. Ele parecia de bom caráter, ela pensou: ainda que ele tivesse garras muito longas e um monte de dentes, então ela sentiu que ele deveria ser tratado com respeito.

"Gatinho de Cheshire," ela começou, um tanto timidamente, já que ela não sabia de todo se ele gostaria do nome:

contudo, ele apenas sorriu um pouco mais largamente. "Bem, ele está satisfeito até agora," pensou Alice, e continuou. "Você poderia me dizer, por favor, qual caminho eu devo seguir a partir daqui?"

"Isso depende muito de para onde você quer ir," disse o Gato.

"Eu não me importo muito para onde--" disse Alice.

"Então não importa qual caminho você segue," disse o Gato.

"--desde que eu chegue a algum lugar," Alice acrescentou como explicação.

"Oh, você vai certamente fazê-lo," disse o Gato, "contanto que você caminhe o suficiente."

Alice achou que isso não pudesse ser negado, então ela tentou outra pergunta. "Que tipo de gente vive por aqui?"

"Naquela direção," o Gato disse, acenando com a pata direita em círculo, "vive um Chapeleiro: e naquela direção," acenando com a outra pata, "vive uma Lebre de Março. Visite quem você preferir: ambos são loucos."

"Mas eu não quero estar entre gente louca," Alice advertiu.

"Oh, isso você não pode evitar," disse o Gato: todos somos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca."

"Como você sabe que eu sou louca?" disse Alice.

"Você deve ser," disse o Gato, "ou você não estaria aqui."

"Alice não achou que isto provasse nada afinal; contudo, ela continuou: "E como você sabe que você é louco?"

"Para começar", disse o Gato, "um cachorro não é louco. Você concorda?"

"Suponho que sim", disse Alice.

"Então, bem", o Gato continuou, "você vê, um cão rosna quando está bravo e balança o rabo quando está contente. Bem, eu rosno quando estou feliz e balanço meu rabo quando estou bravo. Portanto, eu estou louco."

"Eu chamaria isso de ronronar, não rosnar", disse Alice.

"Chame do que você quiser", disse o Gato. "Você vai jogar cróquete com a Rainha hoje?"

"Eu gostaria muito", respondeu Alice, "mas ainda não fui convidada."

"Você me verá lá", disse o Gato, e desapareceu.

Alice não estava muito surpresa com isto, ela estava se acostumando a atrapalhar coisas acontecendo. Enquanto ela estava olhando para o lugar onde ele estava, subitamente apareceu novamente.

"A propósito, no que se tornou o bebê?" disse o Gato. "Eu quase esqueci de perguntar".

"Transformou-se em um porco," disse Alice calmamente, da mesma forma que se tivesse retornado em uma forma natural.

"Eu pensei que seria," disse o Gato, e desapareceu novamente.

Alice esperou um pouco, meio que esperando vê-lo novamente, mas ele não apareceu, e depois de um minuto ou dois ela começou a caminhar na direção de onde foi dito que a Lebre de Março morava. "Eu já vi Chapeleiros antes", disse ela para si mesma, "a Lebre de Março será bem mais interessante, e talvez, como é Maio ela não estará delirante — pelo menos não tão loucamente como ela deve ficar em Março." Ao dizer estas palavras ela olhou para cima e lá estava o Gato novamente, sentado no galho de uma árvore.

"Você falou porco ou figo?", disse o Gato.

"Eu disse porco", retrucou Alice, "e eu gostaria que você parasse de aparecer e desaparecer repentinamente: você deixa a gente tonta!"

"Tudo bem," disse o Gato; e desta vez ele desapareceu bem lentamente, começando pelo final da cauda, e terminando com o sorriso, o qual permaneceu algum tempo após o resto ter ido.

"Bem! Tenho às vezes visto um gato sem um sorriso," pensou Alice; "mas um sorriso sem um gato! Esta é a coisa mais curiosa que eu vi em toda a minha vida!"

Ela não tinha ido muito longe antes de avistar o que imaginou ser a casa da Lebre de Março: ela achou que deveria ser a casa certa porque as chaminés eram feitas com a forma de orelhas e o teto era coberto com peles. A casa era tão grande que Alice não queria se aproximar até morder um pedaço de cogumelo da mão esquerda, e crescer para mais ou menos 70 centímetros: mesmo depois disso ela caminhou em sua direção timidamente, dizendo para si mesma: "Suponhamos que ela esteja delirante afinal! Eu quase gostaria que tivesse ido ver o Chapeleiro!"

Notas

1. [↑](#) Cabelos empoados, isto é, com pó. Antes da invenção e propagação do xampu era comum utilizar-se pó para cabelo para remover a oleosidade dele.
2. [↑](#) Aqui há um trocadilho no original entre "axis", eixo, e "axe", machado.

Capítulo VII

Uma Louca Festa do Chá

Havia uma mesa posta para fora debaixo de uma árvore na frente da casa, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá: um Arganaz estava sentado entre eles, dormindo, e os outros dois estavam a usá-lo como almofada, descansando os cotovelos sobre ele, e falando sobre sua cabeça. "Muito desconfortável para o Arganaz," pensou Alice, "só, como ele está dormindo, eu suponho que não se importa."

A mesa era grande, mas os três estavam amontoados em um canto do mesmo: "Não há espaço! Não há espaço!" eles gritaram quando viram Alice chegando. "Há um bastante espaço!" disse Alice indignada, e sentou-se em uma grande poltrona numa das extremidades da mesa.

Alice olhou em volta da mesa, mas não havia nada sobre ela, mas apenas chá. "Eu não vejo nenhum vinho", ela avisou.

"Não há nenhum", disse a Lebre de Março.

"Então não foi muito educado vocês oferecerem," disse Alice com raiva.

"E não foi muito educado sentar sem ser convidada", disse a Lebre de Março.

"Eu não sabia que era sua mesa", disse Alice, "é grande muito mais de três".



"Seu cabelo precisa ser cortado", disse o Chapeleiro. Ele estava olhando para Alice por algum tempo com grande curiosidade, e este foi sua primeira fala.

"Você deve aprender a não fazer comentários pessoais", Alice disse com alguma seriedade, "é muito rude."

Os olhos do chapeleiro abriram-se amplamente ao ouvir isto, mas tudo o que ele disse foi: "qual a semelhança de um corvo com uma escrivantina?"

"Vamos, devemos ter algum divertimento agora!" pensou Alice. "Ainda bem que começaram a dizer adivinhas - acho que consigo adivinhar essa" acrescentou ela em voz alta.

"Quer dizer que consegue descobrir a resposta?", disse a Lebre de Março. "Exatamente", disse Alice.

"Então devias dizer o que queres dizer", continuou a Lebre de Março.

"Eu digo", respondeu Alice apressadamente; "pelo menos - pelo menos eu quero dizer aquilo que digo - é a mesma coisa, sabe."

"Não é nem parecido!" disse o Chapeleiro. "Seria o mesmo que dizer que 'eu vejo o que como' é o mesmo que 'eu como o que vejo'!"

"E o mesmo que dizer", acrescentou a Lebre de Março, "que 'Gosto do que compro' é o mesmo que 'compro o que gosto'!"

"E o mesmo que dizer", acrescentou o Arganaz, que parecia falar ao dormir, "que 'eu respiro quando durmo' é o mesmo que 'eu durmo quando respiro'!"

"Para ti é a mesma coisa", disse a Lebre, e com isto a conversa morreu e o grupo silenciou-se por um minuto enquanto Alice pensava em tudo aquilo de que conseguia lembrar-se sobre corvos e secretárias, o que não era muito.

O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio. "Em que dia do mês estamos?" perguntou ele, virando-se para Alice; tinha tirado o relógio do bolso e olhava nervosamente para

ele, abanando-o de vez em quando e encostando-o ao ouvido.

Alice pensou por uns momentos e respondeu "O quarto."

"Dois dias errado!" queixou-se o Chapeleiro. "Eu te disse que a manteiga não ia funcionar!" acrescentou, olhando furiosamente para a Lebre de Março.

"Era a melhor manteiga que tínhamos," respondeu a Lebre de Março humildemente.

"Sim, mas devia ter algumas migalhas," resmungou o Chapeleiro: "não devias te-la posto com a faca do pão."

A Lebre de Março pegou no relógio e olhou-o de forma triste: depois molhou-o no seu copo de chá e voltou a olhar para ele: mas não lhe ocorreu nada melhor que repetir a sua primeira afirmação, "Era mesmo a melhor manteiga que tínhamos."

Alice tinha estado a olhar por cima do seu ombro com curiosidade. "Que relógio estranho!" notou ela. "Diz o dia do mês, mas não diz as horas!"

"Porque teria que dizer as horas?" resmungou o Chapeleiro. "O teu relógio diz o ano?"

"Claro que não," respondeu a Alice prontamente: "mas isso é porque o ano permanece o mesmo durante muito tempo."

"Que é exatamente o que se passa com o meu," disse o Chapeleiro.

Alice sentiu-se terrivelmente confusa. O comentário do Chapeleiro parecia não ter qualquer sentido, mas ele falara certamente em Inglês. "Não percebi bem," disse ela, tão educadamente como lhe foi possível.

"O Arganaz adormeceu outra vez," disse o Chapeleiro, e despejou um pouco de chá quente no nariz dele.

O Arganaz abanou a sua cabeça impacientemente, e disse, sem abrir os olhos, "Claro, claro; ia mesmo dizer isso."

"Já descobriste a resposta à adivinha?" disse o Chapeleiro, virando-se uma vez mais para Alice.

"Não, desisto," respondeu Alice: "qual é a resposta?"

"Não faço a mínima ideia," disse o Chapeleiro.

"Eu também não," acrescentou a Lebre de Março.

Alice suspirou profundamente. "Não conseguem arranjar alguma coisa melhor para fazer," disse ela, "do que perder tempo a perguntar adivinhas que não têm solução."

"Se conhecesses o Tempo como eu o conheço," disse o Chapeleiro, "não falavas em o desperdiçar. Ele é importante."

"Não entendo o que quer dizer," disse a Alice.

"Evidente que não!" disse o Chapeleiro com ar de desdém. "E também aposto que nunca falaste com o Tempo!"

"Talvez não," respondeu Alice com cautela: "mas sei que tenho que bater os tempos quando estou a estudar uma música."

"Assim está tudo explicado!" disse o Chapeleiro. "Ele não tolere que o batam. Mas se o tratares com boa educação, fará o que quiseres do relógio. Por exemplo, imagina que são nove horas da manhã, hora de entrar nas aulas: bastaria da-lo a entender ao Tempo e o relógio avançaria num instante! Uma e meia, hora de almoçar!"

("Quem me dera que fosse assim," suspirou a Lebre de Março.)

"Isso seria excelente, com certeza," disse a Alice com ponderação: "mas então-- Eu não teria fome, sabe?"

"A princípio, talvez não," disse o Chapeleiro: "mas podias ficar na uma e meia por tanto tempo quanto quisesses."

"É assim que você faz?" perguntou Alice.

O Chapeleiro abanou a cabeça com tristeza. "Não!" respondeu. "Tivemos uma discussão Março passado-- justamente antes dele enlouquecer" -- (apontando a colher

de chá para a Lebre de Março,) "--Foi no grande concerto organizado pela Rainha de Copas, e eu tinha de cantar."

"Brilha, brilha, morceguinho! Como acho que você está!"

"Você conhece a música, quem sabe?"

"Já ouvi alguma parecida com essa," disse Alice.

"Continua, sabe," disse o Chapeleiro, "assim:

'Acima do mundo você voa, como uma bandeja de chá no céu. Brilha, brilha--"

"Aqui o Arganz estremeceu e começou a cantar enquanto dormia "Brilha, brilha, brilha, brilha...". Continuou por tanto tempo que tiveram de lhe dar um beliscão para o calar.

"Bem, mal tinha acabado o primeiro verso," disse o Chapeleiro, "quando a Rainha deu um pulo e gritou, "Ele está a matar o tempo! Cortem-lhe a cabeça!""

"Que barbaridade!" exclamou Alice.

"E desde então", continuou o Chapeleiro com um tom de voz choroso, "não faz nada do que eu lhe peço! O tempo parou nas seis horas."

Alice teve uma ideia brilhante. "É por isso que têm tanta louça em cima da mesa?", perguntou.

"Sim, é isso," disse o Chapeleiro desconsolado: "é sempre hora do chá, e portanto nunca temos tempo para lavar as coisas."

"Então continuam a rodar?" disse Alice.

"Exatamente" disse o Chapeleiro: "a medida que as coisas vão ficando sujas, vamos mudando de posição."

"Mas o que acontece quando dão a volta toda e voltam ao princípio?", atreveu-se Alice a perguntar.

"Suponho que mudamos de assunto," interrompeu a Lebre de Março, bocejando. "Estou a ficar cansada disto. Proponho que a senhorita nos conte uma história."

"Receio não conhecer nenhuma" disse Alice, bastante alarmada com a proposta.

"Então que seja o Arganaz a contar!" gritaram os outros dois. "Acorda, Arganaz!" E beliscaram-no nos dois lados ao mesmo tempo.

O Arganaz abriu lentamente os olhos. "Não estava a dormir," disse ele com uma voz cansada e frágil: "Ouvi tudo aquilo que vocês disseram."

"Conte-nos uma história!" disse a Lebre de Março.

"Sim, por favor!" pediu Alice.

"E depressinha," acrescentou o Chapeleiro, "ou voltas a adormecer antes de acabar."

"Era uma vez três pequenas irmãs," começou apressadamente o Arganaz; "cujos os seus nomes eram Elsie, Lacie e Tillie; e viviam no fundo de um poço--"

"Como é que elas viviam?" disse Alice, que sempre se interessara por questões de comida e bebida.

Elas viviam num melado," disse o Arganaz, após pensar um minuto ou dois.

"Não podiam fazer isso, sabe," disse Alice gentilmente; "teriam ficado doentes."

"E ficaram" disse o Rato; "MUITO doentes."

Alice tentou imaginar como seria viver de forma tão extraordinária, mas isso era muito difícil, pelo que perguntou: "Mas como é que elas viviam no fundo de um poço?"

"Tome mais chá," disse a Lebre de Março, muito séria.

"Ainda não tomei nenhum," respondeu Alice em tom ofendido, "portanto não posso tomar mais."

"Quer dizer que não pode tomar menos," disse o Chapeleiro. "é muito fácil tomar mais do que nenhum."

"Ninguém pediu a sua opinião." disse Alice.

"E quem é que está a fazer comentários pessoais agora?" disse o Chapeleiro triunfante.

Alice não sabia bem o que dizer: portanto serviu-se de algum chá e pão com manteiga, e depois virou-se para o Arganz e repetiu a pergunta. "Como é que elas viviam no fundo do poço?"

O Arganz levou um minuto ou dois pensando, e então disse, "Era um poço de xarope."

"Isso não existe!" disse Alice muito chateada, mas o Chapeleiro e a Lebre fizeram "Chiu! Chiu!" e o Rato disse azedamente, "Se não consegue se comportar educadamente, talvez seja melhor que termine a história."

"Não, por favor continua!" disse Alice humildemente: "Prometo não te interromper outra vez. Tenho a certeza que existe pelo menos um."

"Um, de fato!" disse o Rato indignado. Contudo, concordou em continuar. "E assim, as três irmãs, que estavam a aprender a desenhar..."

"O que é que elas desenhavam?" perguntou Alice, esquecendo-se da sua promessa.

"Xarope," disse o Rato, sem parar para pensar, desta vez.



"Quero uma xícara limpa," interrompeu o Chapeleiro: "vamos mudar de lugar."

Enquanto falava já estava a mudar, e o Arganaz o seguiu, a Lebre de Março mudou para o lugar do Arganaz, e Alice, contra vontade, tomou o lugar da Lebre de Março. O Chapeleiro tinha sido o único a beneficiar da mudança, e Alice tinha ficado bastante desfavorecida, porque a Lebre tinha precisamente acabado de entornar a jarra do leite no seu prato.

Alice não queria ofender o Rato outra vez, por isso perguntou com muito cuidado: "Não entendo. De onde é que eles desenhavam o xarope?"

"Se pode desenhar na água de um poço de água." disse o Chapeleiro: "também pode desenhar xarope de um poço de xarope, estúpida!"

"Mas elas estavam dentro do poço," disse Alice ao Arganaz, preferindo ignorar este último comentário.

"Claro que estavam dentro." disse o Arganaz;

Esta resposta confundiu tanto a pobre Alice que deixou o Arganaz continuar sem interrupções por algum tempo.

"Elas estavam a aprender a desenhar," continuou o Rato, bocejando e esfregando os olhos, pois estava ficando muito sonolento: "e desenhavam todo o gênero de coisas. Desenhavam tudo o que começa com um M--"

"Porquê com um M?" perguntou Alice

"E porque não?" respondeu a Lebre de Março.

Alice ficou em silêncio.

O Arganaz tinha fechado os olhos e preparava-se para adormecer; mas, beliscado pelo Chapeleiro, acordou com um pequeno grito e continuou: "que começavam com um M, tal como madeira, molho, memória, muiticidade - sabe, quando se diz que as coisas são "muito de uma muiticidade" -- alguma vez viste um desenho de uma muiticidade?"

"Sério, agora me pergunta," disse Alice, muito confusa, "acho que nunca..."

"Então não devia falar," disse o Chapeleiro.

Esta grosseria foi demais para Alice: levantou-se com desprezo e pôs-se a andar; o Arganz adormeceu instantaneamente, e nenhum dos outros pareceu notar a sua partida, apesar de ela ter olhado para trás uma ou duas vezes, ainda esperançosa que eles a chamassem. Na última vez que olhou, estavam a tentar enfiar o Arganz no bule do chá.

"De qualquer das formas, nunca vou voltar ali!" disse Alice enquanto escolhia o seu caminho pela floresta. "É a festa de chá mais estúpida em que já estive em toda minha vida!"

Mal tinha acabado de dizer isto, reparou que uma das árvores tinha uma porta. "Isto é muito curioso!" pensou ela. "Mas tudo é curioso hoje. Acho que mais vale entrar." E entrou.

Achou-se uma vez mais no corredor comprido, e perto da pequena mesa de vidro. "Acho que agora já vou lidar melhor com isto," disse para si mesma, e começou por apanhar a pequena chave dourada e abrir a porta que dava para o jardim. Depois começou a comer o cogumelo (tinha ficado com um pedaço no bolso) até medir cerca de trinta centímetros. Depois passou através da pequena porta, e do

outro lado encontrou-se num bonito jardim, entre camas de flores luminosas e fontes frescas.



Capítulo VIII

O Campo de cróquete da Rainha

Uma roseira grande erguia-se perto da entrada para o jardim. As rosas que dela nasciam eram brancas, mas três jardineiros atarefavam-se a pintá-las de vermelho. Alice pensou que isto era muito curioso, e aproximou-se para observá-los, e justamente quando ela chegou perto deles, ouviu um a dizer: "Presta atenção, Cinco! Não salpiques tinta para cima de mim!"

"Não posso evitar", disse o Cinco, em um tom amuado; "Sete empurrou meu cotovelo".

Nisso o Sete olhou para cima e disse: 'Isso mesmo, Cinco! Sempre a colocar a culpa nos outros!'

"É melhor não falar!" disse o Cinco. "Eu ouvi a Rainha dizer que ontem você merecia ser decapitado!"

"Para que?" disse aquele que falou primeiro (verdade) (só que não)

"Isso não é da sua conta, Dois!" disse o Sete.

"Sim, isso é da conta dele!" disse o Cinco, "e eu vou dizer-lhe, foi por trazer as raízes de tulipa do cozinheiro em vez das cebolas." O sete arremessou seu pincél, e tinha apenas começado "Bem, de todas as coisas injustas - " quando o seu olhar caiu por acaso na Alice, enquanto ela os estava a observar, e ele calou-se subitamente: os outros olharam em volta também, e todos se curvaram.

"Vocês me diriam" disse Alice, um pouco timidamente, "porque estão a pintar essas rosas?" O Sete e o Cinto nada disseram, mas olharam para o Dois. O Dois começou em voz baixa, "Bem o fato é, você vê, senhorita, isto aqui deveria ter sido uma roseira vermelha e nós colocamos uma branca por engano; e se a Rainha descobrir isto, todos nós devemos ter as nossas cabeças cortadas, sabe. Então veja, senhorita, nós estamos a fazer o nosso melhor, antes que ela

venha, para..." Neste momento o Cinco, que tinha estado a olhar ansioso sobre o jardim gritou "A Rainha! A Rainha!" e os três jardineiros atiraram-se imediatamente de bruços no chão. Houve um som de muitos passos, e Alice olhou em volta, ansiosa por ver a Rainha.

Primeiro vieram dez soldados transportando estandartes; estes eram todos da forma dos três jardineiros, retangulares e lisos, com as suas mãos e pés nos cantos: a seguir 10 cortesões, estes estavam ornamentados por todo o lado com diamantes, e caminhavam dois a dois, como os soldados faziam. Depois disto veio as crianças reia; havia 10 deles, e os pequenos queridos vieram saltando alegremente de mãos dadas, em casais: eles estavam todos ornamentados com corações. A seguir vieram os convidados, na maioria Reis e Rainhas, e entre eles Alice reconheceu o Coelho branco: ele estava falando de uma maneira nervosa e apressada, sorrindo a tudo que era dito, e passou por ela sem se aperceber. Depois seguiu o Valete de Copas, transportando a coroa do Rei numa almofada de veludo carmesim; e, em último de toda grande procissão veio o Rei e a Rainha de Copas.

Alice estava bastante em dúvida se deveria ou não permanecer deitada sobre o seu rosto assim como os três jardineiros, mas ela não conseguiu lembrar de alguma vez ter ouvido sobre algum tipo regra em cortejos; "e além disso, qual seria a utilidade de um cortejo", pensou ela, "se as pessoas tivessem todos de deitar sobre o seu rosto, para

que não pudessem vê-lo?" Então ela ficou quieta onde estava, e esperou.



Quando o cortejo passou por Alice, todos pararam e olharam para ela, e a Rainha disse severamente "Quem é esta?" Ela disse isto para o Valete de Copas, que apenas se curvou e sorriu em resposta.

"Idiota!" disse a Rainha, balançando a cabeça impacientemente; e, virando-se para a Alice, continuou, "Qual é o teu nome, criança?"

"Meu nome é Alice, prazer sua Majestade," disse Alice muito educadamente; mas acrescentou para si mesma, "Bem, eles são apenas um conjunto de cartas, apesar de tudo. Não preciso ter medo deles!"

"E quem são estes?" disse a Rainha, apontando para os três jardineiros que estavam deitados em volta da roseira; pois, você veja, enquanto eles estavam deitados sobre suas faces, o padrão nas costas era o mesmo que o do restante baralho, ela não poderia dizer se eles eram jardineiros, ou soldados, ou artesãos, ou três dos seus próprios filhos.

"Como posso saber?" disse Alice, surpreendida com sua própria coragem. "Não é um assunto meu".

A Rainha tornou-se vermelha de raiva, e depois de encará-la por um momento, como uma besta selvagem, gritou "Cortem-lhe a cabeça! Cortem..."

"Absurdo!" disse Alice, muito alto e decidida, e a Rainha ficou em silêncio.

O Rei pois a sua mão em cima do braço dela, e timidamente disse "Reconsidera, minha querida: ela é apenas uma criança."

A Rainha afastou-se furiosa dele, e disse ao Valete "vire-os ao contrário!"

O Valete o fez, muito cuidadosamente, com um pé.

"Levantem-se!" disse a Rainha, numa voz alta e estridente, e os três jardineiros levantaram-se instantaneamente e começaram saudar o Rei, a Rainha, os príncipes e a todos os outros.

"Deixem isso!" gritou a Rainha. "Vocês me deixam tonta." e depois, virando-se para a roseira ela continuou. "O que vocês tem feito aqui?"

"Permita-me sua Majestade," disse o Dois, num tom muito humilde, baixando-se num joelho conforme falava, "nós estávamos a tentar..."

"Estou a perceber!" disse a Rainha. que estava a examinar as rosas. "Cortem-lhes as cabeças!" e e o cortejo moveu-se, três dos soldados permaneceram para atrás para executar os infelizes jardineiros, que correram de encontro a Alice para proteção.

"Vocês não devem ficar decapitados!" disse Alice, e ela os colocou dentro de um grande vaso de flores que estava perto. Os três soldados procuraram por cerca de um ou dois minutos, procurando por eles, e depois marcharam embora rapidamente atrás dos outros.

"As cabeças deles estão cortadas?" gritou a Rainha.

"As suas cabeças desapareceram, se isso agrada a vossa Majestade!" os soldados gritaram em resposta.

"Está certo!" gritou a Rainha. "Consegues jogar cróquete?"

Os soldados fizeram silêncio, e olharam para Alice, uma vez que a pergunta era evidentemente dirigida a ela.

"Sim!" gritou Alice.

'Anda então!' rugiu a Rainha, Alice juntou-se ao cortejo, perguntando-se o que iria acontecer a seguir.

"É-- É um dia muito bom!" disse timidamente uma voz a seu lado. Ela estava caminhando com o Coelho Branco, que estava a espiar ansiosamente seu rosto.

"Muito," disse Alice:... "onde está a Duquesa?"

"Silêncio! Silêncio!" disse o Coelho num tom baixo e apressado. Ele olhou ansiosamente acima do seu ombro enquanto falava, e então elevou-se na ponta dos pés, pos a sua boca perto do ouvido dela, e sussurrou "Ela esta sob sentença de execução."

"Porque razão?" perguntou Alice.

"Você disse 'Que pena?'" perguntou o Coelho.

"Não, eu não disse," respondeu Alice: "Eu não acho que seja de todo uma pena. Eu disse 'porque razão?'"

"Ela deixou a Rainha esperando..." começou o Coelho. Alice deu um pequeno risinho. "Oh silêncio!" sussurrou o coelho num tom assustado. "A Rainha vai ouvir-te! Veja, ela veio um pouco tarde, e a Rainha disse..."

"Voltem aos vossos lugares!" gritou a rainha numa voz de trovão, e as pessoas começaram a correr em todas as direções, caindo uns contra os outros; Entretanto, ficaram todos organizados num minuto ou dois, e o jogo começou. Alice pensou que nunca tinha visto um campo de cróquete tão curioso na sua vida; era todo ondulado; as bolas eram ouriços vivos, as marretas eram flamingos vivos e os soldados tinham de se dobrar para cima para ficar com as suas mãos e pés, para fazer os arcos.



A principal dificuldade que Alice inicialmente encontrou foi em controlar seu flamingo: ela teve sucesso em por o corpo alinhado, suficientemente confortável, debaixo de seu

braço, com as suas pernas pendentes, mas geralmente, assim que ela tinha o pescoço endireitado, e ia dar uma tacada com cabeça no ouriço, ele torcia-se em volta e olhava para o rosto dela, com uma expressão tão confusa que ela não podia evitar cair na gargalhada: e quando ela tinha colocava a cabeça para baixo, e ia recomeçar, foi muito irritante descobrir que o ouriço tinha se desenrolado e estava no ato de caminhar embora: para além disto tudo, havia sempre uma cova ou sulco no caminho para o qual ela queria enviar o ouriço, e os soldados estavam sempre a levantar-se e andar para outras partes do campo, Alice cedo chegou a conclusão que era um jogo bastante difícil de fato.

Os jogadores jogaram todos de uma vez sem esperarem pelos turnos, discutindo o tempo todo, e lutando pelos ouriços; e num curto espaço de tempo a Rainha estava furiosa, e começou a bater e a gritar "Cortem esta cabeça!" ou "Cortem-lhe a cabeça!", cerca de uma vez por minuto.

Alice começou a sentir-se muito apreensiva: claramente, ela ainda não tivera nenhuma disputa com a Rainha, mas sabia que poderia acontecer a qualquer instante, "e depois," pensou ela, "o que seria de mim? Eles são terrivelmente apreciadores de decapitar pessoas aqui; a grande questão é, que não há ninguém deixado vivo!"

Ela estava a procura de alguma forma de escapar, e questionando-se se poderia fugir sem ser vista, quando notou uma curiosa aparição no ar: intrigou-a bastante no

início mas depois de olhar por um minuto ou dois, ela compreendeu que era um sorriso largo; e disse a si mesma "É o gato Cheshire: agora eu devo ter alguém com quem falar."

"Como está se saindo?" disse o Gato assim que tinha boca o suficiente para falar.

Alice esperou até que os olhos aparecessem e depois acenou com a cabeça. "É inútil falar com ele," pensou ela, "até as suas orelhas surgirem, ou pelo menos uma delas." Noutro minuto toda a cabeça surgiu, e então alice abaixou seu flamingo e começou a contar o jogo, sentindo-se muito feliz por ter alguém que a ouvisse. O Gato pareceu ter achado que havia o suficiente para ser visto, e não apareceu mais.

"Não acho que eles joguem justo," começou Alice, num tom de reclamação, "e todos eles discutem tão terrivelmente que um não consegue se ouvir a falar-- e não parecem ter nenhuma regra em particular; pelo menos, se as houver, ninguém as cumpre-- e tu não tens ideia do quão confuso é todas as coisas estarem vivas; por exemplo, tem um arco que tenho de atravessar a pé na outra extremidade do campo.. e eu devia ter batido o ouriço da Rainha agora mesmo, só que ele fugiu quando viu a minha vinda!".

"E tu gostas da Rainha?" disse o gato em voz baixa.

"De modo algum", disse Alice: ela é tão extrema -- "então ela apercebeu-se que a Rainha estava perto atrás dela, ouvindo: então ela continuou, '--e é provável que ganhe, que mal vale a pena acabar o jogo."

A Rainha sorriu e passou.

"Com quem estas a falar?" disse o Rei, dirigindo-se a Alice, e olhando para a cabeça do Gato com grande curiosidade.

"É um amigo meu -- um gato Cheshire", disse Alice: "permita que o apresente."

"Não gosto do aspecto dele," disse o Rei. "Contudo, ele pode beijar a minha mão caso deseje."

"É melhor não," o Gato advertiu.

"Não seja impertinente," disse o Rei, "e não olhe para mim assim!" Ele colocou-se atrás de Alice enquanto falava.

"Um gato pode olhar para o Rei," disse Alice. "Eu li isso em algum livro, mas não me lembro onde."

"Bem, deve ser removido," disse o Rei muito decidido, e chamou a Rainha, que estava passando no momento. "Minha querida! Eu gostaria que você removesse este gato!".

A Rainha tinha apenas uma maneira de resolver todas as dificuldades, grandiosa ou pequena. "Fora com a cabeça dele!" disse ela, sem sequer olhar em volta.

"Vou eu mesmo buscar o executor", disse o Rei com entusiasmo, e apressou-se.

Alice pensou que também poderia ir embora, e ver como o jogo estava a correr quando ela ouviu a voz da Rainha ao longe, gritando zangada. Ela já tinha ouvido a sua sentença, três dos jogadores para serem executados por terem falhado em suas tentativas, e ela não gostou do aspecto das coisas, uma vez que o jogo estava numa confusão tal, que ela nunca sabia se era sua vez ou não. Então ela foi em busca do seu ouriço.

O ouriço estava ocupado numa luta com outro ouriço, o que parecia a Alice uma excelente oportunidade para croquear um com o outro: a única dificuldade era, que o seu flamingo tinha ido embora para o outro lado do jardim, onde Alice o podia ver tentando de uma forma perdida, voar para uma árvore.

Quando ela apanhou o flamingo e o trouxe de volta, a luta tinha acabado e ambos os ouriços estavam fora de vista: "mas isso não importava muito", pensou Alice, "uma vez que todos os arcos tinham partido deste lado do campo". Então ela enfiou ele debaixo de braço, para que não pudesse

escapar de novo, e voltou para um pouco mais de conversa com o seu amigo.

Quando ela voltou para o gato de Cheshire, ficou surpreendida em encontrar uma multidão rodeando-o: havia uma disputa a decorrer entre o executor, o Rei e a Rainha, que estavam todos a falar ao mesmo tempo, enquanto todos os outros estavam em silêncio, e a olhar muito desconfortáveis.



No momento que Alice apareceu, ela foi pressionada por todos para resolver a questão, e eles repetiram seus argumentos para ela considerar, enquanto todos falavam ao mesmo tempo, ela apercebeu-se que era muito difícil de fato, perceber exatamente diziam.

O argumento do executor era, que não podia cortar uma cabeça a menos que houvesse um corpo de quem a cortar: que ele nunca teve de fazer uma coisa assim antes, e não ia começar nesta época da vida.

O argumento do Rei era, que qualquer coisa que tivesse uma cabeça podia ser decapitado, e que vocês estão a falar bobagens.

O argumento da Rainha era, que se nenhuma coisa fosse feita em menos que tempo nenhum que todos em volta seriam executados. (E foi esta última observação que fez o grupo todo parecer sério e ansioso.)

Alice não conseguia pensar em mais nada para dizer do que mas "ele pertence à Duquesa: é melhor perguntarem-lhe a ela sobre isso."

"Ela está na prisão," disse a Rainha para o executor: "encontrem-na lá". E o executor saiu como uma flecha.

A cabeça do Gato começou a desaparecer no momento em que ele desapareceu, e quando ele tinha retornado com a Duquesa, ela tinha desaparecido por completo; então o Rei e o executor correram feito loucos para cima e para baixo em busca dela, enquanto os demais voltavam ao jogo.



Capítulo IX

A História da Tartaruga Falsa

"Você não consegue imaginar o quanto estou contente por te ver de novo, minha querida!" disse a Duquesa, enquanto dobrou o seu braço afetivamente no de Alice, e saíram andando juntas.

Alice ficou muito contente em encontrá-la com aquele humor agradável, e pensou que talvez fosse apenas a

pimenta que a tenha feito tão selvagem quando se conheceram na cozinha.

"Quando for uma Duquesa," disse a si mesma, (embora não em um tom muito esperançoso), "não quer nenhuma pimenta na minha cozinha de modo algum. A sopa é muito boa sem -- talvez seja sempre a pimenta que torna as pessoas com um temperamento tão quente", ela continuou, muito satisfeita por ter encontrado uma nova regra, "e vinagre que os torna azedos -- e camomila que os torna amargos -- e -- e açúcar de cevada e coisas que fazem as crianças docemente humoradas. Eu apenas desejava que as pessoas soubessem isso: então elas não seriam tão mesquinhas, sabes..."

Ela quase tinha esquecido a Duquesa a esta altura, e ficou um pouco assustada quando ouviu a sua voz perto da sua orelha. "Estás a pensar sobre alguma coisa, minha querida e isso faz você se esquecer de falar. Eu não posso te dizer agora qual a moral disso, mas eu devo me lembrar num instante."

"Talvez não tenha nenhuma," Alice se atreveu a comentar.

"Tut, tut, criança!" disse a Duquesa. "Tudo tem uma moral, e só você pode encontrá-la." E ela apertou-se mais para o lado da ALice enquanto falava.

Alice não gostava muito de se manter tão perto dela: primeiro, porque a Duquesa era bastante feia; segundo porque ela tinha a altura exata para descansar seu queixo sobre os ombros da Alice, e era um queixo desconfortavelmente pontiagudo. Contudo, ela não gostava de ser mal educada, então suportou aquilo tão bem como podia.

"O jogo estava a correr bastante melhor agora," disse ela, de modo a continuar a conversa mais um pouco.

"É então" disse a Duquesa, e a moral disso é: "Oh, 'este amor', 'este amor, que faz o mundo girar!'"

"Alguém disse", Alice sussurrou, "que é feito por toda a gente cuidando de seus próprios assuntos!"

"Ah, bem! Ele significa quase a mesma coisa," disse a Duquesa, empurrando o seu pequeno queixo pontiagudo no ombro de Alice enquanto ela acrescentava, "e a moral disso é-- 'Toma conta dos sentidos, e os sons cuidarão de si próprios.'" "Como ela gosta de encontrar moral nas coisas!" pensou Alice.

"Ouso dizer que está se perguntando porque eu não ponho o meu braço em volta da tua cintura," a Duquesa disse depois de uma pausa: "a razão é, que eu tenho dúvidas a respeito do temperamento do seu flamingo. Devo tentar experimentar?"

"Ele pode morder." respondeu Alice com cautela, não se sentindo de todo ansiosa por ver a experiência.

"É verdade", disse a Duquesa: "Ambos flamingos e mostarda mordem. E a moral disso é - 'Pássaros do mesmo bando voam juntos.'"^[1]

"Só que mostarda não é um pássaro", comentou Alice.

"Certo, como de habitual", disse a Duquesa: "Que forma clara você tem de colocar as coisas!"

"É um mineral, acho", disse Alice

"Claro que é", disse a Duquesa, que parecia pronta a concordar com tudo que Alice dizia; "Existe uma grande mina de mostarda perto daqui. E a moral disso é -- 'Quanto mais há de mim, menos há de você'".

"Oh, eu sei! exclamou Alice, que não tinha prestado atenção neste último comentário, "É um vegetal. Não se parece com um, mas é."

"Concordo inteiramente com voce", disse a Duquesa; "e a moral disso é -- 'Seja o que você parece ser' -- ou se você gostar mais simples -- "Nunca se imagine ser de outra forma do que possa parecer aos outros que você era ou poderia ter sido não de outra forma do que você teria aparecido a eles para ser de outra forma."

"Acho que devo compreender isso melhor", disse Alice muito educadamente, "se tivesse isso escrito: mas não consigo acompanhar enquanto o diz".

"Isso não é nada comparado com o que eu poderia dizer se quisesse", respondeu a Duquesa num tom educado.

"Ora, não se incomode em dizer isso mais longo do que isso", disse Alice.

"Oh, não fale em incomodar", disse a Duquesa. "Eu te faço um presente de tudo o que eu disse até agora".

"Um tipo de presente barato!" pensou Alice. "Estou contente que eles nunca dão presentes de aniversário como esses!" mas ela não se aventurou a dizê-lo em voz alta.

"Pensando de novo?" perguntou a Duquesa, com outro empurrão do seu pequeno queixo pontiagudo.

"Tenho o direito de pensar", disse Alice bruscamente, pois ela estava a começar a sentir-se um pouco preocupada.

"Quase tanto direito", disse a Duquesa, "como os porcos têm de voar; e a m--"

Mas aqui, para grande surpresa de Alice, a voz da duquesa começou a sumir, mesmo no meio da sua palavra favorita "moral", e o braço que estava ligado entre ambas começou a tremer. Alice olhou para cima, e ali estava a Rainha em

frente a eles, com os seus braços dobrados, franzindo o semblante como uma tempestade.

"Um bonito dia sua Majestade! começou a Duquesa em voz baixa e fraca.

"Agora, dou-te um aviso justo", gritou a Rainha, saltando no chão enquanto falava; "Ou tu ou a tua cabeça devem ir embora, e isso em cerca de metade de nada. Tome sua decisão!"

A Duquesa tomou a sua decisão e foi-se embora num instante.

"Vamos continuar com o jogo", disse a Rainha para Alice; e Alice estava muito assustada para dizer uma palavra, mas lentamente seguiu-a para o campo de cróquete.

Os outros convidados tinham tirado vantagem da ausência da Rainha, e estavam descansando na sombra: no entanto, no momento em que a viram, apressaram-se a regressar ao jogo, a Rainha apenas comentou que um momento de atraso iria custar-lhes a vida.

Todo o tempo que estiverem a jogar a Rainha nunca deixou de discutir com os outros jogadores, e gritando "cortem-lhe a cabeça!" ou "fora com a cabeça dele!" Aqueles a quem ela sentenciava eram levados presos pelos soldados, que, claro tinham de deixar de ser arqueiros para fazer isso, de modo que pela meia hora ou perto disso não havia mais arqueiros,

e todos os jogadores, exceto o Rei, a Rainha e Alice, estavam na prisão e sob sentença de execução.

A Rainha parou, quase sem fôlego e disse a Alice, "já viu a Tartaruga Falsa?"

"Não", disse Alice. "Eu tampouco sei o que é uma Tartaruga Falsa".

"É a coisa com que a Sopa de Tartaruga Falsa é feita", disse a Rainha.

"Nunca vi uma, nem ouvi falar", disse Alice.

"Anda então", disse a Rainha, "e ele deve te contar a história dele,"

Enquanto elas saíam juntas, Alice ouviu o Rei dizer em voz baixa, para toda a companhia, "todos vocês estão perdoados". "Vamos, isso é uma coisa boa!" disse ela para si, pois tinha se sentido bastante infeliz com o número de execuções que a Rainha tinha ordenado.

Em pouco tempo elas chegaram em frente a um Grifo, deitado dormindo ao sol. (Se não sabe o que é um Grifo, veja a figura.) "Levante-se, coisa preguiçosa!" disse a Rainha, "e trouxe esta senhorita para ver a Tartaruga Falsa e para ouvir a história dele. Devo voltar e ver algumas execuções que ordenei"; e saiu, deixando Alice sozinha com o Grifo. Alice não gostava nada do aspecto da criatura,

mas no geral pensou ela, seria bem mais seguro ficar com ele do que ir atrás da Rainha selvagem: portanto ela esperou.



O Grifo levantou-se e esfregou os olhos: então observou a Rainha até esta estar fora de vista: Então riu. "Que engraçado! disse o Grifo, meio para si mesmo, meio para Alice.

"Qual é a graça?" disse Alice.

"Ora, ela," disse o Grifo. "É toda a sua fantasia. Eles nunca executam ninguém, sabe. Vamos!"

"Todos dizem 'vamos' aqui", pensou Alice, conforme ia devagar após ele: "Eu nunca fui tão mandada em toda a minha vida, nunca!"

Eles não tinham ido longe antes de ver a Tartaruga Falsa à distância, sentada triste e sozinha em um pequena peitoril de pedra, e, conforme chegavam perto, Alice podia ouvi-lo

suspirando como se seu coração fosse partir. Ela teve uma piedade profunda. "O que é a aflição dele?" ela perguntou ao Grifo, e ele respondeu, quase com as mesmas palavras de antes, "É tudo fantasia, que: ele não tem nenhuma aflição, sabe. Vamos!"

Então eles foram até a Tartaruga Falsa, o qual olhou para eles com grandes olhos cheios de lágrimas mas não disse nada.

"Aqui está senhorita", disse o Grifo, "ela quer conhecer a sua história, se quer."

"Eu irei contar a ela", disse a Tartaruga em um tom vazio e profundo: "sentem-se, você dois, e não digam uma palavra até eu ter terminado."

Então eles se sentaram e ninguém falou por alguns minutos. Alice pensou consigo mesma, "Eu não vejo como ele pode terminar se não começou". Mas ela esperou pacientemente.



"Uma vez," disse finalmente a Tartaruga Falsa, com um profundo suspiro, "eu era uma tartaruga de verdade".

Estas palavras foram seguidas de um longo silêncio, quebrado apenas por uma exclamação ocasional de "Hjckrrh!" do Grifo, e o pesado e constante gemido da Tartaruga Falsa. Alice estava quase levantando e dizendo, "Obrigado senhor, por sua interessante história", mas ela não podia deixar de pensar que devia haver mais por vir, então ficou sentada e não disse nada.

"Quando éramos pequenos", finalmente disse a Tartaruga Falsa, mais calmamente embora ainda gemendo um pouquinho de vez em quando, "nós íamos a escola no mar. O mestre era uma velha Tartaruga -- costumávamos chamá-lo de Jabuti--"

"Porque vocês o chamavam de Jabuti, se ele não era um?" perguntou Alice.

"Nós o chamávamos de Jabuti porque ele nos ensinou assim", disse com raiva a Tartaruga Falsa: realmente você é muito tola!"

"Você devia ter vergonha de si mesma por perguntar uma questão tão simples", acrescentou o Grifo; e ambos sentaram em silêncio e olharam para a pobre Alice, o qual se sentiu pronta para afundar na terra. Por fim o Grifo disse a Tartaruga Falsa, "Continue, velho amigo! Não leve o dia inteiro para isto!" e ele continuou com estas palavras:

"Sim, nós fomos a escola no mar, de qualquer forma você não deve acreditar..."

"Eu nunca disse que não acreditei!" interrompeu Alice.

"Você disse", replicou a Tartaruga Falsa.

"Segure sua língua!" acrescentou o Grifo, antes que Alice pudesse falar novamente. A Tartaruga Falsa continuou.

"Nós tínhamos a melhor educação - de fato, nós íamos a escola todos os dias..."

"Eu tenho ido a escola todos os dias também", disse Alice; "Você não precisa ser orgulhoso de tudo isso".

"Com extras?" perguntou a Tartaruga Falsa com um pouco de modo inquieto.

"Sim", disse Alice, "nós aprendemos Francês e música".

"E lavagem?" disse a Tartaruga Falsa.

"Certamente não!" disse Alice indignada. "Ah! então a sua não é realmente uma boa escola", disse a Tartaruga Falsa em com um tom de alívio. "Agora a nossa que tinha no final das contas, 'Francês, música e lavagem - extra'".

"Vocês não deveria ter muito", disse Alice; "vivendo no fundo do mar".

"Eu não poderia bancar aprender isto", disse a Tartaruga Falsa suspirando. "Eu apenas fiz o curso regular".

"O que era isto?" perguntou Alice.

"cambaleiar e entortar, é claro, para começar", a Tartaruga Falsa respondeu; "e os diferentes campos da Aritmética -- Ambição, Distração, Enfeimento e Zombaria."

"Eu nunca ouvi 'enfeimento'", Alice se aventurou a dizer. "O que é isto?"

"O Grifo levantou as duas patas em surpresa. "Quê! Nunca ouvi enfeimento!" exclamou. "Você sabe o que é embelezamento, não é?"

"Sim", respondeu Alice com desconfiança: "significa - fazer - qualquer - coisa - mais - bonita".

"Bem, então", o Grifo continuou, "se você não sabe o que é enfeiar, você é uma tola."

Alice não se sentiu encorajada a perguntar mais nenhuma questão sobre isso, então virou-se para a Tartaruga Falsa e disse "O que mais tem a aprender?"

"Bem, existia o Mistério", a Tartaruga Falsa replicou, contando as matérias em suas patas, "Mistério, antigo e moderno, com marografia: então falar lentamente - o falar lentamente - om mestre era uma velha engia, que costumava vir uma vez na semana: Ele nos ensinou a falar lentamente, se eticar e desmaiar em espiral.

"Como isto se parece?" disse Alice.

"Bem, eu não posso te mostrar", disse a Tartaruga Falsa: "Sou muito rígido. E o Grifo nunca aprendeu".

"Não tive tempo", disse o Grifo: "Eu atendi as clássicas principais de qualquer forma. Ele era um velho caranguejo, se era."

"Eu nunca fui a ele", disse a Tartaruga Falsa com um suspiro: "ele ensinava Risada e Tristeza, costumavam dizer".

"Sim ensinava, sim ensinava", disse o Grifo, suspirando na sua vez; e ambas as criaturas esconderam o rosto em suas patas.



"E quantas horas por dia eram as lições?" perguntou Alice, com pressa de mudar o assunto.

"Dez horas no primeiro dia", disse a Tartaruga Falsa: "nove no seguinte, e assim por diante".

"Que plano curioso!" exclamou Alice.

"Esta é a razão porque eles chamam lições", o Grifo observou: "porque eles diminuem^[2] dia após dia".

Esta era uma idéia bem nova para Alice, e ela pensou um pouco antes de fazer um novo comentário. "Então o décimo primeiro dia deve ter sido um feriado?"

"Claro que era", disse a Tartaruga Falsa.

"E o que vocês faziam no décimo segundo dia?" Alice perguntou ansiosamente.

"Já chega de lições", o Grifo interrompeu em um tom bem decidido: "agora conte a ela alguma coisa sobre os jogos".

Notas

1. [↑](#) O original *birds of a feather flock together* é uma expressão conhecida no inglês que também tem um significado a dizer *são farinha do mesmo saco*.
2. [↑](#) Aqui existe um trocadilho entre *lessons* que significa lições com **lessons** que significaria alguma coisa diminuindo que é claramente um entendimento errado da palavra.



Capítulo X

A Quadrilha da Lagosta

A Tartaruga Falsa respirou profundamente, e colocou as costas de uma de suas nadadeiras em frente de seus olhos. Ele olhou para Alice e tentou falar, mas por um minuto ou dois o choro sufocou sua voz. "Como se tivesse um osso em sua garganta", disse o Grifo: e começou a sacudi-lo e a

bater em suas costas. Por fim a Tartaruga Falsa recuperou sua voz, e com lágrimas descendo pelas bochechas, continuou:

"Você pode não ter vivido muito embaixo do mar..." ("Não vivi", disse Alice)... "e talvez você nunca tenha sido apresentada a uma lagosta..." (Alice começou a dizer "uma vez provei...") mas se deteve rapidamente e disse "Não, nunca") "...então você não tem idéia que coisa deliciosa uma Quadrilha de Lagostas é!"

"Realmente, não", disse Alice. "Que tipo de dança é?"

"Porque", disse o Grifo, "você primeiro forma uma linha ao longo do fundo do mar..."

"Duas linhas!" gritou a Tartaruga Falsa. "Focas, tartarugas, salmões, e assim em diante; então, quando você limpou todas as águas-vivas do caminho..."

"Isto geralmente leva algum tempo", interrompeu o Grifo.

"...você avança duas vezes..."

"Cada um com uma lagosta como parceiro!" gritou o Grifo.

"Claro", disse a Tartaruga Falsa: "avançam duas vezes, ajustam os parceiros..."

"...mudam as lagostas, e se retiram na mesma ordem", continuou o Grifo.

"Então, sabe", a Tartaruga Falsa continuou, "você atira as..."

"As lagostas!" gritou o Grifo, com gesto no ar.

"...tão longe do mar o quanto você pode..."

"Nadam atrás delas!" gritou o Grifo.

"Dão um salto mortal no mar!" gritou a Tartaruga Falsa, saltando loucamente.

"Mudam as lagostas novamente!" berrou o Grifo com toda a sua voz.. "Voltam para terra novamente, e esta é toda a primeira parte", disse a Tartaruga Falsa, de repente começando a abaixar a voz; e as duas criaturas, que haviam pulado como loucas todo o tempo, sentaram novamente muito tristes e quietas, e olharam para Alice.

"Deve ser uma dança muito bonita", disse Alice timidamente.

"Você gostaria de ver um pouco?" disse a Tartaruga Falsa. "Gostaria muito", disse Alice.

"Venha, vamos tentar a primeira parte!" disse a Tartaruga Falsa para o Grifo. "Nós conseguimos fazer sem lagostas, sabe. Quem deve cantar?"

"Oh, você canta", disse o Grifo. "Eu esqueci a letra."

Então eles começaram a dançar solenemente em volta da Alice, sempre pisando nos pés dela quando passavam muito perto, e balançando suas patas para marcar o tempo, enquanto a Tartaruga Falsa cantava esta música, muito lenta e triste:...

"Quem irá andar um pouco mais rápido?" disse uma enchova para uma lesma,

"Tem um delfim perto de nós, e ele está pisando na minha cauda.

Veja quão avidamente as lagostas e tartarugas avançam!

Elas estão esperando no seixo da praia... quem irá se juntar a dança?

Você vai, você não, você vai, você não, você vai se juntar a dança?

Você vai, você não, você vai, você não, você não vai se juntar a dança?

"Você realmente não tem a noção do quão delicioso será

Quando eles nos tomarem e atirarem, com as lagostas, para fora do mar!

Mas a lesma respondeu "Longe demais, longe demais!", e deu um olhar descrente...

Disse que gentilmente agradeceu à enchova, mas não iria se juntar a dança.

Você vai, você não, você vai, você não, você vai se juntar a dança?

Você vai, você não, você vai, você não, você não vai se juntar a dança?

"O quão importa o quanto longe nós vamos?" seu amigo escamoso perguntou.

"Tem outra terra, sabe, do outro lado.

Quanto mais distante da Inglaterra mais próximo é da França...

Então não fique pálido, querida enchova, mas venha e se junte a dança.

Você vai, você não, você vai, você não, você vai se juntar a dança?

Você vai, você não, você vai, você não, você não vai se juntar a dança?

"Obrigado, é uma dança muito interessante para assistir", disse Alice, se sentindo feliz por ter finalmente acabado: "e eu também gostei desta música curiosa sobre a enchova!"

"Oh, como para a enchova", disse a Tartaruga Falsa, "elas... você já as viu, é claro?"

"Sim", disse Alice, "Algumas vezes os vi no jant..." ela se deteve rapidamente.

"Eu não sei onde Jant pode ser", disse a Tartaruga Falsa, "mas se as viu algumas vezes, claro que sabe como elas se parecem".

"Acho que sim", Alice respondeu pensativa. "Eles tem suas caudas em suas bocas...e elas estão sobre todas farelos".

"Você está errada sobre os farelos", disse a Tartaruga Falsa: "Farelos seriam varridos do mar. Mas elas tem suas caudas em suas bocas; e a razão é..." aqui a Tartaruga Falsa bocejou e fechou os olhos...." Conte a ela sobre a zaão e tudo isto", ele disse para o Grifo.

"A razão é", disse o Grifo, "que elas iriam com as lagostas para a dança. Então elas são atiradas fora do mar. Então elas tiveram que cair num longo caminho. Então elas tem suas caudas presas em suas bocas. Então elas não podem tirá-las novamente. Isto é tudo."

"Obrigada", disse Alice, "é muito interessante. Eu nunca soube tanto sobre uma enchova antes.

"Posso te contar mais do que isto, se você quiser", disse o Grifo. "Você sabe por que elas são chamadas enchovas?"

"Eu nunca pensei nisto", disse Alice. "Porque?"

"É por causa das botas e sapatos", o Grifo respondeu em um tom solene.

"Alice ficou muito intrigada. "Por causa das botas e sapatos!" ela repetiu em um tom de admiração.

"Porque, do que seus sapatos são feitos?" disse o Grifo. "Quero dizer, o que os fazem tão brilhantes?"

Alice olhou para baixo e pensou um pouco antes de dar sua resposta. "Eles são escovados com graxa, eu acho".

"Botas e sapatos debaixo do mar", o Grifo continuou com uma voz grave, "são enchovados. Agora você sabe".

"E do que eles são feitos?" Alice perguntou em um tom de grande curiosidade.

"Solhas e enguias, é claro", o Grifo respondeu particularmente impaciente: "qualquer camarão poderia ter te dito isto".

"Se eu fosse a enchova", disse Alice, cujos pensamentos ainda estavam na música, "teria dito ao delfim, 'Afastese, por favor: Não queremos você conosco!'"

"Eles eram obrigados a tê-los com eles", disse a Tartaruga Falsa: "nenhum peixe esperto iria a lugar algum sem um delfim".

"Não iriam?" disse Alice em um tom de grande surpresa.

"Claro que não", disse a Tartaruga Falsa: "Porque, se um peixe viesse a mim, e me dissesse que estava indo em uma jornada, eu diria 'com que delfim?'"

"Você não quis dizer 'com que fim?'" perguntou Alice.

"Quis dizer o que disse", a Tartaruga Falsa respondeu em um tom ofendido. E o Grifo acrescentou "venha, vamos ouvir uma de suas aventuras".

"Poderia contar minhas aventuras... começando a partir desta manhã", disse Alice um pouco tímida: "mas não seria útil voltar até ontem, porque eu era uma pessoa diferente".

"Explique tudo isto", disse a Tartaruga Falsa.

"Não, não! Aventuras primeiro", disse o Grifo em um tom impaciente: "explicações levam um tempo horrível".

Então Alice começou a contar suas aventuras do momento em que viu o Coelho Branco. Ela estava um pouco nervosa sobre isto inicialmente, as duas criaturas estavam tão perto dela, uma de cada lado, e abriram seus olhos e bocas totalmente, mas ela teve coragem e continuou. Seus ouvintes estavam perfeitamente quietos até a parte dela repetindo "Você está velho, pai William" para a Lagarta, e as palavras vinham diferentes, e então a Tartaruga Falsa respirou fundo e disse "Isto é muito curioso".

"Isto é tão curioso quanto pode ser", disse o Grifo.

"Veio tudo diferente!" a Tartaruga Falsa repetiu pensativa. "Eu gostaria de ouvi-la tentar repetir alguma coisa agora. Ordene-a para começar". Ele olhou para o Grifo como se ele tivesse algum tipo de autoridade sobre Alice.

"Levante-se e repita 'Esta é a voz do frouxo'" disse o Grifo.

"Como as criaturas mandam nas outras, e as fazem repetir lições!" pensou Alice; "Eu também poderia estar na escola ao mesmo tempo". Entretanto, ela se levantou, e começou a repetir, mas sua cabeça estava tão cheia da Quadrilha da Lagosta que ela mal podia saber o que estava dizendo, e as palavras vieram bem atrapalhadas de fato:...

"Esta é a voz da Lagosta; Eu a ouvi declarar, 'Você me cozinhou muito tostada, devo adoçar meu cabelo'. Como um pato com suas pálpebras, então ele com seu nariz adornado seu cinto e seus botões, e gire seus dedos do pé'.

[edições posteriores continuaram conforme segue Quando as areias estão todas secas, ele é fresco como um gracejo, E irá falar em tons orgulhosos do Tubarão, Mas, quando a maré subir e tubarões estão em volta, Sua voz tem um som tímido e trêmulo.]

"Está diferente do que eu costuma ouvir quando era criança" disse o Grifo.

"Bem, eu nunca ouvi antes", disse a Tartaruga Falsa; "mas parece uma tolice incomum".

Alice não disse nada; ela tinha sentado com a sua face em suas mãos, imaginando se alguma coisa iria novamente acontecer de modo natural.

"Gostaria de ter isto explicado", disse a Tartaruga Falsa.

"Ela não pode explicar", disse o Grifo apressadamente.
"Continue com o próximo verso".

"Mas e os seus dedos do pé?" a Tartaruga Falsa insistia.
"Como ele poderia virá-los com seu nariz, sabe?"

"É a primeira posição na dança". Alice disse, mas estava extremamente intrigada com tudo e desejava mudar o assunto.

"Continue com o próximo verso", repetiu o Grifo impacientemente: "Começa com 'Eu passei por seu jardim'".

Alice não ousou desobedecer, embora estivesse segura de que viria tudo errado, e continuou com uma voz trêmula:...

"Eu passei por seu jardim, e marquei, com um olho, como a Coruja e a Pantera estavam dividindo uma torta..."

[edições posteriores continuam como segue A pantera pegou a casca da torta, e molho de carne, e carne, Enquanto a Coruja tinha a as vasilhas como parte do trato. Quando a torta estava terminada, a Coruja, como um conforto, Foi gentilmente autorizada a embolsar uma colher: Enquanto a

Pantera receber faca e garfo com um rosnado, E concluíram o banquete...]

"Qual é o sentido de repetir tudo isso", a Tartaruga Falsa interrompeu, "se você não explica conforme continua? É de longe a coisa mais confusa que eu ouvi!"

"Sim, acho que você devia desistir", disse o Grifo: e Alice era a única feliz de fazê-lo.

"Devemos tentar outra vez a Quadrilha da Lagosta?" o Grifo continuou. "Ou você gostaria que a Tartaruga Falsa cantasse uma canção?"

"Oh, uma música, por favor, se a Tartaruga Falsa for tão gentil", Alice replicou, tão ansiosamente que o Grifo disse, em um tom particularmente ofendido, "Hum! Sem explicações para gostos! Cantaria para ela 'Sopa de Tartaruga', velho amigo?"

A Tartaruga Falsa respirou fundo, e começou, com uma voz às vezes sufocada com choros, a cantar assim:...

<poem> "Linda Sopa, tão rica e verde, Esperando em uma sopeira quente! Para tal guloseima não iria parar? Sopa da noite, bela Sopa! Sopa da noite, bela Sopa! Be...la So..pa! Be...la So..pa! So...pa da noi...te, Bela, bela Sopa!

"Bela Sopa! Quem liga para peixe, Caça, ou qualquer outro prato? Quem não daria tudo mais por somente duas quantias

da bela Sopa? Duas quantias da bela Sopa? Be...la So..pa!
Be...la So..pa! So...pa da noi...te, Bela, bela Sopa!

"Refrão novamente!" gritou o Grifo, e a Tartaruga Falsa tinha acabado de começar a repetir, quando um grito de "O julgamento começou!" foi ouvido a distância.

"Vamos!" gritou o Grifo e, pegando Alice pela mão, apressaram-se a sair sem esperar pelo término da música.

"Que julgamento é este?" Alice ofegava enquanto corria; mas o Grifo apenas respondeu "Vamos!" e corria mais rápido, enquanto de um modo cada vez mais fraco, carregado pela briza que os seguia, as palavras melancólicas:...

So...pa da noi...te, Bela, bela Sopa!



Capítulo XI

Quem Roubou as Tortas?

O Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos quando eles chegaram, com uma grande multidão reunida com eles... todo tipo de pequenos pássaros e animais, assim como todo o baralho de cartas: o Valete está de pé na frente deles, acorrentado, com um soldado de cada lado a guardá-lo; e perto do Rei estava o Coelho Branco, com um trompete em uma mão e um rolo de pergaminho na

outra. Bem no meio dar corte havia uma mesa, com um grande prato de tortas sobre: elas pareciam tão boas que deixaram Alice bastante faminta ao olhá-los..."Gostaria que terminassem o julgamento", ela pensou, "e passassem a rodada de lanches!" Mas não parecia ter nenhuma chance disto acontecer, então ela começou a olhar em tudo a respeito dela, para passar o tempo.

Alice nunca havia estado em uma corte da justiça antes, mas havia lido sobre ela em livros, e se sentiu satisfeita de perceber que sabia praticamente o nome de tudo ali. "Este é o juiz", disse a si mesma, "por causa de sua grande peruca".

O juiz, aliás, era o Rei; e como ele usava a coroa sobre a peruca, não parecia de modo algum confortável, e não era certamente conveniente.

"E esta é a bancada dos jurados", pensou Alice, "e aquelas doze criaturas", (ela foi obrigada a dizer "criaturas", veja, porque algumas delas eram animais e outras eram pássaros), "suponho que sejam os jurados". Ela disse a última palavra duas ou três vezes para si mesma, ficando orgulhosa de si: ela pensou, e com justiça, que poucas meninas da idade dela sabiam o significado de tudo aquilo. Entretanto, "homem-juri" teria feito o mesmo também.

Os doze jurados estavam todos ocupados escrevendo em lousas. "O que eles estão fazendo?" Alice sussurrou para o

Grifo. "Eles não podem ter nada nada para escrever ainda, antes do julgamento começar".

"Eles estão escrevendo seus nomes", o Grifo sussurrou em resposta, "por medo de terem que esquecer antes do final do julgamento".

"Coisas tolas!" Alice falou alto, com voz indignada, mas parou rapidamente após o Coelho Branco gritar alto, "Ordem no tribunal!" e o Rei colocou seu óculos e olhou ansiosamente em volta, para ver quem estava falando.

Alice podia ver, tão bem quanto se ela estivesse olhado sobre os ombros deles, que todos estavam escrevendo "coisas tolas!" em suas lousas, e podia até ver que um deles não sabia soletrar "tolas", e teve que perguntar ao seu vizinho como fazê-lo. "Suas lousas estarão uma bela bagunça antes do julgamento terminar!" pensou Alice.

Um dos jurados tinha um giz que fazia barulho. Isto é claro, Alice não podia aguentar, e ela foi em volta da corte e ficou atrás dele, e rapidamente teve uma oportunidade de tomá-lo. Ela não percebeu rapidamente que o pobre pequeno juiz (era Bill, o lagarto) não percebeu o que havia acontecido; então, após tudo isto, ele foi obrigado a escrever com o dedo o resto do dia; e isto tinha pouca utilidade pois não deixava nenhuma marca na lousa.

"Mensageiro, leia a acusação!" disse o Rei.

Nisto o Coelho Branco assoprou três vezes a trombeta, e então desenrolou o papel pergaminho e leu como segue:...

"A Rainha de Copas, ela fez algumas tortas, Todas em um um dia de verão: o Valete de Copas, ele roubou estas tortas,
E as levou bem para longe!"

"Considere seu veredito," disse o Rei para os jurados.

"Ainda não, ainda não!" o Coelho rapidamente interrompeu.
"Há muita coisa a lidar antes disto!"

"Chame a primeira testemunha", disse o Rei; e o Coelho Branco assoprou três vezes a trombeta, e chamou alto,
'Primeira testemunha!''.

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele veio com uma xícara de chá em uma mão e um pedaço de pão com manteiga na outra. "Peço perdão, sua Majestade", ele começou, "por trazer isto: mas não tive tempo de terminar meu cha quando fui enviado para cá".



"Você devia ter terminado", disse o Rei. "Quando começou?"

O Coelho olhou para a Lebre de Março, que o havia seguido até a corte, e lado a lado com o Arganz. "Catorze de Março, eu acho", disse ele.

"Quinze", disse a Lebre de Março.

"Dezesseis", disse o Arganz.

"Escrevam isto", o Rei disse para os jurados, e eles avidamente escreveram todas as três datas em suas lousas, e

então somaram elas, e reduziram a resposta a xelins e centavos.

"Tire o seu chapéu", disse o Rei para o Chapeleiro.

"Não é meu", disse o Chapeleiro.

"Roubado!" o Rei exclamou, virando para os jurados, os quais instantaneamente anotaram o fato.

"Eu os possuo para vender", o Chapeleiro acrescentou como uma explicação; "Não tenho nenhum meu. Sou um chapeleiro."

Neste momento a Rainha colocou seus óculos e começou a encarar o Chapeleiro, que ficou pálido e inquieto.

"Dê a sua evidência", disse o Rei; "e não fique nervoso, ou irei executá-lo imediatamente."

Isto não pareceu encorajar a testemunha de modo algum: ele ficou trocando de um pé para o outro, olhando de modo constrangedor para a Rainha, e nesta confusão ele mordeu um pedaço grande de sua xícara de chá ao invés do pão com manteiga.

Neste momento Alice começou a sentir uma curiosa sensação, que a intrigou por um tempo até ela descobrir do que se tratava: ela tinha começado a crescer novamente, e primeiro pensou em levantar e deixar a corte; mas depois de

refletir o assunto decidiu permanecer onde estava contante que houvesse espaço para ela.

"Espero que você não espirre então", disse o Arganaz, que estava próximo a ela. "Mal posso respirar".

"Não posso evitar", Alice disse docemente: "Estou crescendo".

"Você não tem o direito de crescer aqui", disse o Arganaz.

"Não diga bobagens," disse Alice com coragem: "Você sabe que está crescendo também."

"Sim, mas cresço em um ritmo razoável", disse o Arganaz: "Não deste jeito ridículo." E ele se levantou de mau humor e foi para o outro lado da corte.

Todo este tempo a Rainha não havia deixado de encarar o Chapeleiro, e, justamente quando o Arganaz cruzou a corte, ela disse para um dos oficiais na corte, "Traga-me a lista dos cantores do último concerto!" no qual o pobre coitado do Chapeleiro se tremeu tanto, que sacudiu ambos os sapatos para fora.

"Dê seu depoimento", o Rei repetiu com raiva, "ou irei executá-lo, estando você nervoso ou não".

"Sou um pobre homem, sua Majestade", o Chapeleiro começou, com uma voz trêmula, "...e eu não comecei meu

chá... não antes de uma semana ou então--- e o que com o pão com manteiga ficando tão fino... e o brilho do chá..."

"O brilho do quê?", disse o Rei.

"Começa com o chá," o Chapeleiro respondeu.

"Claro que brilho começa com um B!" disse o Rei rapidamente. "Você me toma como um tolo? Continue!"^[1]

"Sou um homem pobre", o Chapeleiro continuou, "e a maioria das coisas brilha antes disto... apenas a Lebre de Março disse..."

"Não disse!" a Lebre de Março interrompeu com pressa.

"Você disse!" disse o Chapeleiro.

"Eu nego!" disse a Lebre de Março.

"Ele nega", disse o Rei: "deixe de fora esta parte".

"Bem, de qualquer modo, o Arganz disse..." e o Chapeleiro continuou, olhando ansiosamente em volta para ver se ele iria negar também: mas o Arganz não negou nada, estando dormindo profundamente.

"Depois disso", o Chapeleiro continuou, "Cortei mais algum pão, e manteiga.."

"Mas o que o Arganaz disse?" um dos jurados perguntou.

"Que não consigo me lembrar", disse o Chapeleiro.

"Você deve se lembrar", o Rei advertiu, "ou irei executá-lo".

O coitado do Chapeleiro derrubou sua xícara de chá e pão com manteiga, e se ajoelhou. "Sou um pobre homem, sua Majestade", ele começou.

"Você é um pobre orador", disse o Rei.

Aqui um dos porquinhos da Índia se animou, e foi imediatamente suprimido pelos oficiais da corte. (Como esta é uma palavra difícil, irei apenas explicar como era feito. Eles tinha uma grande bolsa de lona, que amarravam na boca com barbante: dentro disto eles deslizavam o porquinho da Índia, cabeça primeiro, e então sentavam em cima.

"Estou feliz por ter visto ser feito", pensou Alice. "Às vezes li nos jornais, que nos finais dos julgamentos, 'Houve algumas tentativas de aplausos, que foram imediatamente suprimidos pelos oficiais da corte', e eu nunca entendi o que significava até agora". "Se é tudo o que você sabe, pode descer", o Rei continuou.

"Não posso descer mais", disse o Chapeleiro: "Estou no chão, do jeito que é".

"Então você pode sentar", respondeu o Rei.

Então outro porquinho da Índia aplaudiu, e foi suprimido.

"Bem, isto acabou com os porquinhos da Índia!", pensou Alice. "Agora nós devemos progredir melhor".

"Eu prefiro terminar meu chá", disse o Chapeleiro, com um olhar ansioso para a Rainha, que estava lendo a lista de cantores.

"Você pode ir", disse o Rei, e o Chapeleiro rapidamente deixou a corte, sem sequer esperar para colocar seus sapatos.



"...e cortem a cabeça lá fora", disse a Rainha para um dos oficiais: mas o Chapeleiro estava fora do alcance da visão antes que o oficial chegasse a porta.

"Chame a próxima testemunha!" disse o Rei,

A próxima testemunha era a cozinheira da Duquesa. Ela carregava uma caixa com pimenta em sua mão, e Alice adivinhou quem era mesmo antes dela entrar na corte pelas pessoas espirrando, todas de uma vez, perto da porta.

"De seu depoimento", disse o Rei.

"Não", disse a cozinheira.

O Rei olhou ansioso para o Coelho Branco, que disse em voz baixa, "Sua Majestade deve examinar esta testemunha".

"Bem, seu eu devo, devo", disse o Rei, com um ar melancólico e depois dobrando os braços e franzindo a testa para a cozinheira até que seu olhos estavam quase escondidos, dizendo com uma voz grave, "Do que as tortas são feitas?"

"Pimenta, principalmente", disse a cozinheira.

"Melado", disse uma voz sonolenta atrás dela.

"Peguem este Arganaz", gritou a Rainha. "Contem a cabeça! Tirem o Arganaz da corte! Suprimam-o! Belisquem-o! Tirem seus bigodes!"

Por alguns minutos toda a corte estava em confusão, tirando o Arganaz e, quando sentaram-se novamente, a cozinheira havia desaparecido.

"Não faz mal!", disse o Rei, com um ar de alívio. "Chame a próxima testemunha!. E complementou em voz baixa para a Rainha, "Sério, minha querida, você deve examinar a próxima testemunha. Isto faz a minha testa doer!"

Alice observou o Coelho Branco conforme mexia na lista, sentido muita curiosidade de ver qual seria a próxima testemunha, "...porque eles não tiveram muitos depoimentos ainda", disse para si mesma. Imagine sua surpresa, quando o Coelho Branco leu, o mais alto que sua voz pequena estridentes podia, o nome "Alice!".

Notas

1. [↑](#) O trocadilho original é entre as palavras twinkling que começa com T, cuja pronúncia é semelhante a palavra Tea que significa chá



Capítulo XII

O Depoimento de Alice

"Aqui!" gritou Alice, quase se esquecendo no calor do momento o quanto havia crescido nos últimos minutos, e pulou numa pressa tal que derrubou a bancada dos jurados com a ponta de sua saia, derrubando todos os jurados de cabeça no público abaixo, e ali eles se esparramaram, lembrando-a do aquário do peixe dourado que havia acidentalmente derrubado uma semana antes.

"Oh, peço perdão!" ela exclamou em um tom de grande medo, e começou a pegá-los novamente o mais rápido que

podia, com o acidente do peixe dourado ainda em sua mente, e com a idéia de que deviam ser coletados imediatamente e colocados de volta na bancada de jurados ou eles morreriam.

"O julgamento não pode proceder", disse o Rei com uma voz bem grave, "até que todos os jurados estejam de volta em seus devidos lugares... todos", ele repetiu com uma grande ênfase, olhando com severidade para Alice enquanto dizia.

Alice olhou para a bancada de jurados e viu que, em sua pressa, havia colocado o Lagarto de cabeça para baixo, e o coitadinho estava balançando sua cauda de um jeito melancólico, quase não podendo se mover. Rapidamente ela o tirou, e colocou novamente do jeito certo; "não que isto signifique muito", disse a si mesma; "Acho que o aproveitamento dele no julgamento seria o mesmo um pouco mais acima do que o outro".

Assim que os jurados havia se recuperado do choque de terem sido derrubados, e suas louças e gizes haviam sido encontrados e entregues, eles começaram a trabalhar de modo diligente a escrever sobre a história do acidente, exceto a parte do Lagarto, o qual parecia muito cansado para fazer qualquer coisa além de sentar com sua boca aberta, encarando o teto da corte.

"O que você sabe sobre este negócio?" o Rei disse a Alice.

"Nada", disse Alice.

"Absolutamente nada?" insistiu o Rei.

"Absolutamente nada", disse Alice.

"Isto é muito importante", o Rei disse, virando-se para o júri. Eles estavam começando a escrever em suas lousas quando o Coelho Branco interrompeu: "Desimportante, Vossa Majestade quis dizer, é claro", ele disse em um tom respeitoso, mas franzindo a testa e fazendo careta para ele conforme falava.

"Desimportante, é claro", o Rei apressadamente disse, e continuou para si em voz baixa, "importante... desimportante... desimportante... importante..." como se tivesse testando qual palavra tinha um som melhor.

Alguns jurados escreveram "importante", e alguns "desimportante". Alice podia ver isto, à medida que estava próxima o suficiente das pranchetas deles; "mas isto não importa nem um pouco", pensou consigo mesma.

Neste momento o Rei, que estava por algum tempo ocupado escrevendo em seu caderno, gritou "Silêncio!" e leu de seu caderno, "Regra Quarenta e dois. Todas as pessoas com mais de uma milha de altura devem deixar a corte."

Todos olharam para Alice.

"Eu não tenho uma milha de altura", disse Alice.

"Você tem", disse o Rei.

"Quase duas milhas de altura", acrescentou a Rainha.

"Bem, não irei, de modo algum", disse Alice: "Além disto, esta não é uma regra regular: você inventou agora".

"É a regra mais antiga no livro", o Rei disse.

"Então devia ser a Número Um", disse Alice.

O Rei ficou pálido, e fechou o caderno rapidamente. "Considerem seu veredito", disse aos jurados, com uma voz trêmula e baixa.

"Existem mais evidências ainda para vir, por favor, Vossa Majestade", disse o Coelho Branco, pulando com pressa; "este papel acabou de ser apanhado".

"O que tem nele?" disse a Rainha.

"Ainda não abri", disse o Coelho Branco, "mas parece ser uma carta, escrita por um prisioneiro para... para alguém".

"Deve ter sido isto", disse o Rei, "exceto se foi escrita para ninguém, o que não é usual, sabe".

"Para quem é endereçada?" disse um dos jurados.

"Não está endereçada", disse o Coelho Branco; "de fato, não há nada escrito do lado de fora". Ele desdobrou o papel conforme falava e acrescentou "não é uma carta, de todo modo: é um conjunto de versos".

"Estão com a caligrafia do prisioneiro?" perguntou outro jurado.

"Não, não estão" disse o Coelho Branco, "e isto é a coisa mais esquisita sobre". (Os jurados se olharam intrigados.)

"Ele deve ter imitando a letra de outra pessoa", disse o Rei. (O júri todo se iluminou novamente.)

"Por favor, Vossa Majestade", disse o Valete, "Eu não escrevi, e eles não podem provar: não há nome assinado no final".

"Se você não assinou", disse o Rei, "isto apenas deixa as coisas piores. Você deve ter feito alguma má fé, ou teria assinado seu nome como um homem honesto".

Houve uma aclamação geral neste ponto: foi a primeira coisa inteligente que o Rei disse naquele dia.

"Isto prova sua culpa", disse a Rainha.

"Não prova coisa nenhuma!" disse a Alice. "Porque, você nem sabe do que se trata!"

"Leia a carta", disse o Rei.

O Coelho Branco colocou seus óculos. "Por onde devo começar Vossa Majestade?" ele perguntou.

"Comece pelo começo", o Rei respondeu rapidamente, "e continue até você chegar ao final: então pare".

Estes foram os versos que o Coelho Branco leu:

Eles me contaram que você tem sido para ela, e me mencionaram para ele: Ela me deu um bom sinal, mas disse que eu não podia nadar.

Ele enviou uma sentença de que eu não tinha ido (Nós sabemos ser verdade): Se ela pudesse prosseguir com o assunto, o que teria sido de você?

Dei a ela um, eles deram dois, nós demos três ou mais; Todas elas voltaram dele para você, embora elas fossem minhas antes.

Se eu ou ela tivéssemos a chance de ser envolvidos nestes assuntos, ele confiaria a você libertá-los, exatamente como nós fomos.

Minha noção foi que você tem sido (depois dela ter esta forma) um obstáculo que veio entre ele, e nós, e ele.

Não deixe saber que ela gostava deles, pois isto deve sempre ser um segredo, mantido de todos os outros, entre você e eu.

"Esta é a mais importante evidência que já ouvimos", disse o Rei, esfregando as mãos; "então vamos deixar o júri..."

"Se algum deles puder explicar", disse Alice, (ela tinha crescido tanto nos últimos minutos que não tinha nem um pouco de medo de interrompê-lo,) "Eu darei a ele seis pences. Eu não acredito que existe um átomo de significado nisto".

Todo o júri escreveu em suas lousas, "Ela não acredita que exista um átomo de significado nisto", mas nenhum deles tentou explicar o papel.

"Se não tem significado", disse o Rei, "isto poupa muitos problemas, sabe, pois nós não tentamos encontrar nenhum. E ainda não sei", ele continuou, estendendo os versos em seus joelhos e olhando com um olho; "Parece que vejo algum significado nele, apesar de tudo. '...Disse que eu não posso nadar...' você não pode nadar, pode?" ele acrescentou virando-se para o Valete.



O Valete balançou a cabeça com tristeza. "Parece que consigo?" disse ele. (O que certamente não conseguia, sendo feito completamente de papelão.)

"Tudo certo, até agora", disse o Rei, e continuou murmurando os versos para si mesmo: "'Nós sabemos ser verdade...' que é o júri, é claro...'Dei a ela um, eles deram dois...' o que deve ser o que ele fez com as tortas, sabe..."

"Mas continua com 'Elas retornaram todas para você'", disse Alice.

"Bem, aqui estão elas!" disse o Rei triunfando, apontando para as tortas sobre a mesa. "Nada pode ser mais claro do

que isto. Por outro lado...'antes ela tinha forma...' você nunca teve forma, minha querida, não é? ele disse para a Rainha.

"Nunca!" disse a Rainha furiosamente, atirando um tinteiro no Lagarto enquanto falava. (O infeliz era o pequeno Bill que tinha deixado de escrever na lousa com o dedo, quando descobriu que não deixava marca; mas agora havia começado novamente, usando a tinta que estava escorrendo de sua face, enquanto durava.)

"Então as palavras não formam você", disse o Rei, olhando em volta da corte com um sorriso. Houve um silêncio fúnebre.

"É um trocadilho!" o Rei acrescentou em um tom ofendido, e todos riram, "Deixem o júri considerar o veredito," disse o Rei, pela vigésima vez naquele dia.

"Não, não!" disse a Rainha. "Sentença, primeiro... veredito, depois."

"Idéia sem lógica!" disse Alice em voz alta. "A idéia de ter uma sentença primeiro!"

"Segure sua língua!" disse a Rainha ficando roxa.

"Não!" disse Alice.

"Cortem a cabeça!" a Rainha gritou com toda a sua voz. Ninguém se moveu.

"Quem liga para você?" disse Alice, (que havia crescido para seu tamanho normal neste momento.) "Vocês não são nada além de um baralho de cartas!"

Neste momento todo o baralho subiu pelo ar, e veio voando sobre ela: ela deu um pequeno grito, metade de medo e metade de raiva, e tentou batê-los, e se encontrou deitada num banco com a cabeça no colo de sua irmã, o qual gentilmente removia com uma escova algumas folhas mortas que haviam caído da árvore em seu rosto.



"Acorde, querida Alice!", disse sua irmã; "Bem, que longo cochilo você teve!"

"Oh, eu tive um sonho curioso!" disse Alice, e contou para a irmã tão bem quanto podia se lembrar, todas as estranhas aventuras dela que você acabou de ler e quando tinha terminado sua irmã a beijou, e disse, "Foi um sonho certamente curioso, minha querida: mas agora corra para o seu chá; está ficando tarde." Então Alice levantou e correu, pensando enquanto corria, tão bem quanto podia, do belo sonho que havia tido.

Mas a irmã sentou ainda assim que ela tinha levantando, inclinando suas mãos, vendo o pôr-do-sol e pensando na pequena Alice e todas suas maravilhosas aventuras, até que começou a sonhar de certa forma, e este foi o sonho dela:...

Primeiro, ela sonhou com a própria pequena Alice, e mais uma vez suas pequenas mãos que estavam presas sobre o joelho, e os olhos ávidos e brilhantes levantou os delas... ela podia ouvir cada tom de sua voz, e prender o pequeno arranjo de cabeça atrás dos cabelos soltos que sempre caíam em seus olhos... e ainda enquanto ela lia, ou parecia ouvir, todo o lugar em volta tornou-se as estranhas criaturas do sonho da irmã pequena.

O longo gramado farfalhou em seus pés enquanto o Coelho Branco corria... o rato assustado respingou seu caminho dentro da piscina próxima... ela podia ouvir a agitação das

xícaras da Lebre de Março e seus amigos dividindo a interminável refeição e o porco-bebê espirrando no joelho da duquesa, enquanto pratos e louças se quebravam em volta... mais uma vez o grito do Grifo, o grunhido da lousa do Lagarto, e a chocante supressão dos porquinhos da Índia, ar cheio, misturada com os distantes soluços da Tartaruga Falsa.

Então ela se sentou, com os olhos fechados, e metade dela acreditou no País das Maravilhas, embora soubesse que tinha que abrir novamente, e todo iria mudar para a tediosa realidade...a grama seria apenas o farfalhar do vento, e a piscina ondulando juntos... o barulho das xícaras iria mudar para o tilintar dos sinos de carneiros, e o grito penetrante da Rainha a voz do jovem pastor... e o espirro do bebê, o grito do Grifo e todos os outros barulhos esquisitos iriam mudar (ela sabia) para o clamor confuso do ocupado jardim da fazenda... enquanto o mugido da vaca ao longe seria os soluços da Tartaruga Falsa.

Por fim, ela imaginou para si como esta mesma irmãzinha dela iria, após um tempo, ser como ela uma mulher adulta; e como ela iria manter, através de todos os seus anos, o simples e apaixonado coração de sua infância: e como ela iria se reunir perto dela outras crianças pequenas e fazer seus olhos brilhantes e ávidos com muitos contos esquisitos, talvez até com o sonho do País das Maravilhas a muito tempo: e como ela iria se sentir com todas as simples mágoas, e encontrar satisfação em todas as coisas simples,

lembrando de seu próprio verão na infância, e o os felizes dias de verão.



Sobre esta edição digital

Este eBook foi gerado a partir do [Wikisource](#),^[1] biblioteca online multilíngue, feita por voluntários, comprometida em desenvolver uma coleção de publicações em [copyleft](#) de todos os gêneros: (romances, poemas, revistas e periódicos, cartas, livros técnicos etc)

Nossos livros são distribuídos gratuitamente, a partir de materiais que tenham caído em domínio público ou que tenham sido disponibilizados em licenças livres. Você pode utilizar nossos materiais para quaisquer fins, inclusive comercialmente, dentro dos termos ou da [Creative Commons BY-SA 3.0](#) ^[2] ou da [GNU FDL](#),^[3] à sua escolha.

O Wikisource está sempre à procura de novos membros: sinta-se à vontade em participar. Apesar de nossos cuidados, é possível que este livro contenha um ou mais erros que nos passaram despercebidos. Seja por um ou por outro motivo, você pode nos contatar no [nosso fórum](#).^[4]

Este livro em particular lhe foi disponibilizado a partir das pessoas por detrás destes *nicknames*:

- BrunoBernardino
- OTAVIO1981
- Jorge Morais

- HCruz3
- Nuburos
- Ricdiogo
- Claudio Pistilli
- 555
- Cauli
- MatheusMP
- Lijealso
- Giro720
- P199
- ILopes
- Rafael, o Galvão
- Inox~ptwikisource
- Ozymandias
- 029Ab
- Chti~commonswiki
- Syum90
- Nikola Smolenski
- Hohum
- Joergens.mi
- Mr. Absurd
- Mikhail Ryazanov
- JasonAQuest
- Mturtle
- Liftarn
- Rhalah
- OrbiliusMagister
- CommonsDelinker
- Jo-Jo Eumerus

- Henrique Passos
- Bill.baritono
- Robertorezende
- Turkmen
- Sofia81~ptwikisource
- DARIO SEVERI
- Krassotkin
- Zimbres
- Nevit

-
1. [↑ http://pt.wikisource.org](http://pt.wikisource.org)
 2. [↑ http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)
 3. [↑ http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html](http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html)
 4. [↑ https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada](https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada)